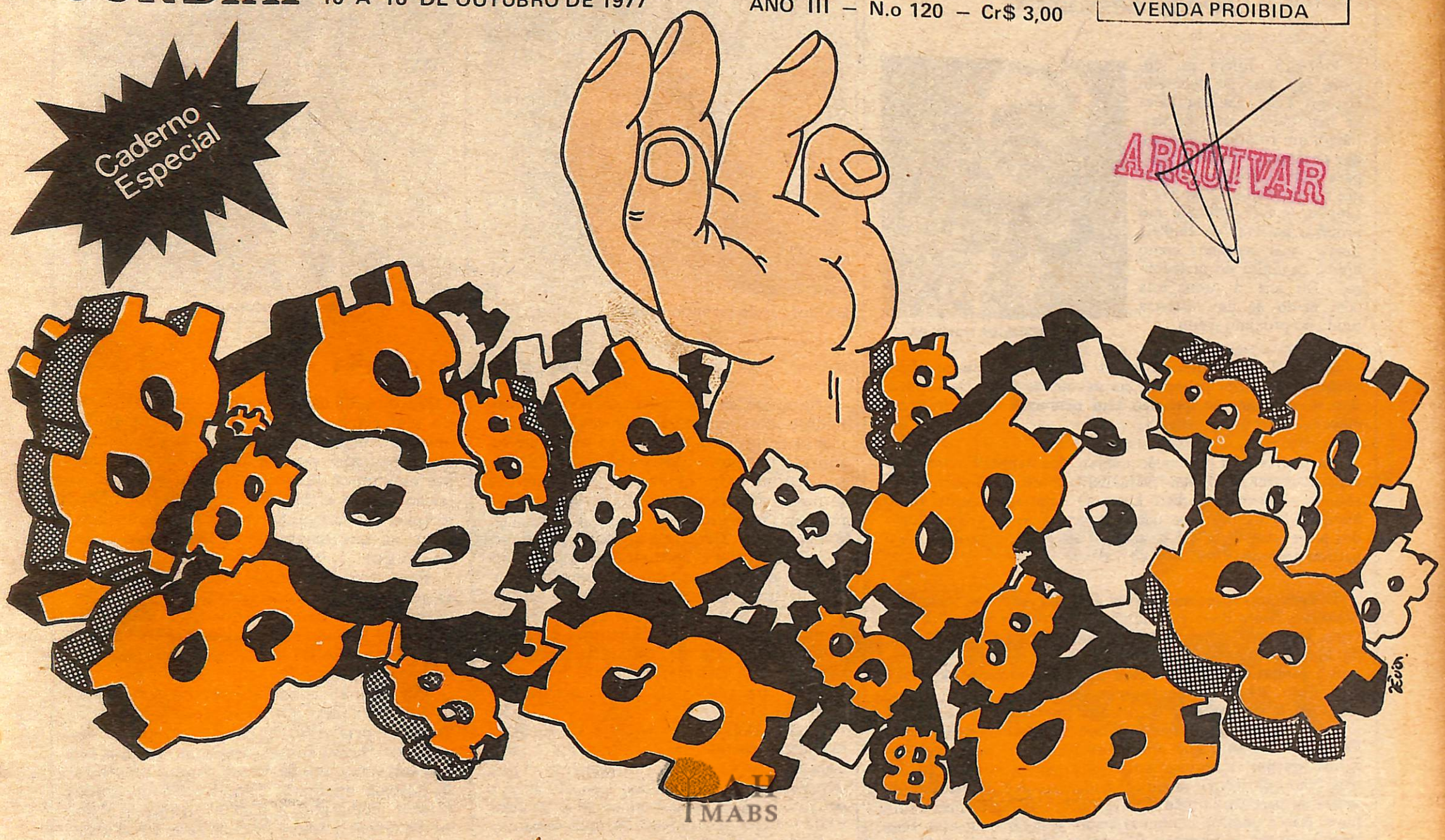
JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ 10 A 16 DE OUTUBRO DE 1977 ANO III — N.o 120 — Cr$ 3,00

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

Caderno Especial



CR$ 117.540.000,00. O DESASTRE DE JUNDIAÍ.

A CÂMARA SE DIVERTE E APROVA O PROJETO DOS ÔNIBUS.

ÚLTIMA PÁGINA



CAMPEÃO

Repare no meia-esquerda da foto do campeão paulista de 1941: é Mário Milani, um jundiaiense. Alegrias corintianas, na página 13.

REDAÇÃO NO VESTIBULAR: SALVE-SE QUEM PUDER!

PÁG. 14 e 15

POLÍTICA

Arena desvairada

Primeiro, foram as reuniões na casa do deputado Herbert Levy. Lá, multidões de deputados arenistas desfiaram um rosário de queixas, que desembocaram no pedido para que o governo prorrogue os mandatos. O motivo é simples, e está refletido nas próprias palavras de Herbert Levy: "nos sentimos como bois a caminho do matadouro". Ou seja: a Arena está com medo de um histórica tunda no próximo pleito.



Sérgio Cardoso: queixas.

Motivos? O partido se sente abandonado, desprezado, vilipendiado. Principalmente do **pacote** de abril. Os deputados se queixam de que não têm nenhuma bandeira para erguer.

Na quarta-feira, a reunião mensal dos deputados arenistas com a liderança foi um "verdadeiro muro de lamentações" segundo informou Herbert Levy. O deputado gaúcho Célio Marques Fernandes disse que pertencer à Arena era ser "alvo dos piores desaforos". E disse que "até os técnicos sabotam o partido governista".

O deputado piauiense Gerson Camata parodiou o saudoso Stanislaw Ponte Preta e denunciou que "há um festival de besteiras assolando o País". O deputado paulista Sérgio Cardoso de Almeida disse que "se querem (deveria ter dito "se queremos") ganhar eleições, extingam o senador biônico e vamos à luta. Com o biônico, perderemos sem dúvida alguma. Nesse caso, só a prorrogação de mandatos evitará o desastre".

O rosário de queixas continuou com o deputado Hélio Campos: "O pior é que somos forçados, aqui no Congresso, a nos agachar, a aprovar projetos totalmente inconstitucionais. Não nos deixam modificar nada. Isso nos prejudica e prejudica ao partido, ferindo a consciência dos representantes do povo. Não é possível continuar assim. Um dia, toda essa legislação precisará ser corrigida. Enquanto isso, porém, ela leva o país a uma situação difícil".

Os ministros da área econômica também foram mimoseados com algumas das mais virulentas críticas arenistas. "Seria bom que o ministro da Fazenda desmamasse as financeiras, a quem já foram concedidas ajudas saneadoras de 30 bilhões de cruzeiros, embora os especialistas garantam que esse montante passa de 90 bilhões" bradou o arenista goiano Siqueira Campos.

Impassível, o líder José Bonifácio assistiu à chuva de desabafos. O que resta fazer? Segundo os lamurientos arenistas, só há uma solução, fora da prorrogação e mandatos: quem sabe passar a Arena para o MDB.

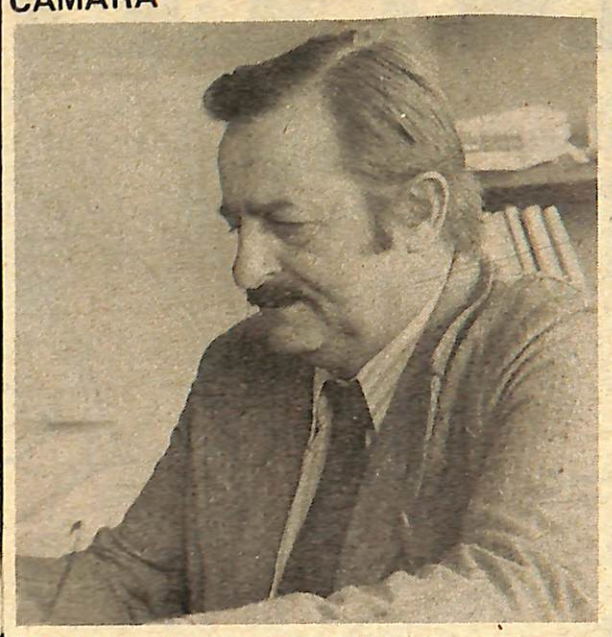
JORNAL DE 2ª

DIRETORES
Ademir Fernandes
Erazê Martinho
Esdra Guimarães do Carmo
Francisco de Assis Oliva
Sandro Vaia
Sérgio Rondino
DIRETOR RESPONSÁVEL
Sérgio Rondino
REDAÇÃO
Ademir Fernandes
Carlos Kazuo Inoue
Erazê Martinho
Lêda Maria de Carvalho Cassins
Sandro Vaia
Sérgio Henrique de Souza
COLABORADORES
Antonio Araújo Vieira
Carlos Veiga
Inácio Araújo (Paris)
J. Germano
Mário Lúcio Marinho
Pedro Autran Ribeiro
Pedro França Pinto
Percival de Souza

ARTE
Alberto Inoue
Décio Denardi
FOTOGRAFIA
José Luiz Calcenoni
Renato Bezzan
COMPOSIÇÃO
Maria de Fátima F. Trimboli
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Representante:
Ivone Marchi Magalhães

O Jornal de 2a. Feira é uma publicação da Editora Japi Ltda. Redação, Publicidade e Administração: rua Senador Fonseca, 1.044
Jundiaí – SP
CEP. 13.200 – Telefone: 434 - 8648
Composto e empresso nas oficinas da Editora Japi Ltda.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

CÂMARA



Duílio: "estão fazendo média".



Dorta: de omisso a preocupado.

Febeapá com platéia

Na sessão de quarta-feira passada a unanimidade dos vereadores aprovou o requerimento de urgência e o projeto de lei que autoriza o prefeito a retirar a ação judicial contra a Auto - Ônibus Jundiaí S.A. para que se possa reformular o contrato de concessão para os transportes de massa em Jundiaí.

Ou seja, a Câmara deu condições ao prefeito para anular o contrato duvidoso, assinado pelo ex-Ibis Cruz com a empresa que monopolizou o transporte coletivo na cidade.

Para que isso acontecesse, a grande platéia formada por moradores de bairros e funcionários das empresas subcontratantes teve que aguentar uma das mais patentes demonstrações de caradurismo até hoje registradas nesta legislatura.

Lázaro Dorta, José Rivelli e Lázaro Rosa rebolaram durante sessenta minutos – vinte cada um, de acordo com o regimento – para demonstrar que não tinham assinado antes o pedido de urgência por amor ao povo (esse pedido estava na Câmara há duas semanas).

Dorta justificou-se dizendo que "foi bom eu não ter assinado antes, porque assim pude ver os erros que o projeto continha".

Rivelli, com uma desfaçatez que não era sua na legislatura passada, mas que vem marcando sua atuação atualmente, afirmou "ser um dos que mais lutaram" para a aprovação do projeto. E justificou sua "luta" lendo suas cinco emendas ao projeto. Emendas absurdas, ilegais, demagógicas, que acabaram sendo retiradas por ele mesmo e substituídas por uma única que mais não é do que a transcrição de um artigo da Lei Orgânica dos Municípios (dando poder de fiscalização ao prefeito, no que tange a itinerários e qualidade do serviço).

Rosa explicou sua sensatez em não assinar às pressas, repetindo as bobagens faladas anteriormente por Rivelli e inventando outras. E disse que "poderia, se houvesse mais tempo, acrescentar oito ou dez novas emendas a esse importante projeto".

Em meio a esse autêntico febeapá, uma voz se fez ouvir para por fim à enrolação que já avançava pela madrugada. Foi (pasmen!) do vereador Duílio Buzanelli que, no melhor estilo varzeano, deu de bico e chutou a bola da demagogia no mato. "Vocês estão querendo é fazer média para a platéia", começou a falar Buzanelli. "Não é hora de falar em abrigo para passageiros **(referia-se a Rosa)**, nem em itinerário que passa pelo Tijuco Preto e segue pelo Rio Abaixo **(referia-se a Rivelli)**. Se essa conversa mole não parar eu vou embora, que amanhã cedo tenho compromisso".

E o projeto foi votado e aprovado.

(Erazê).

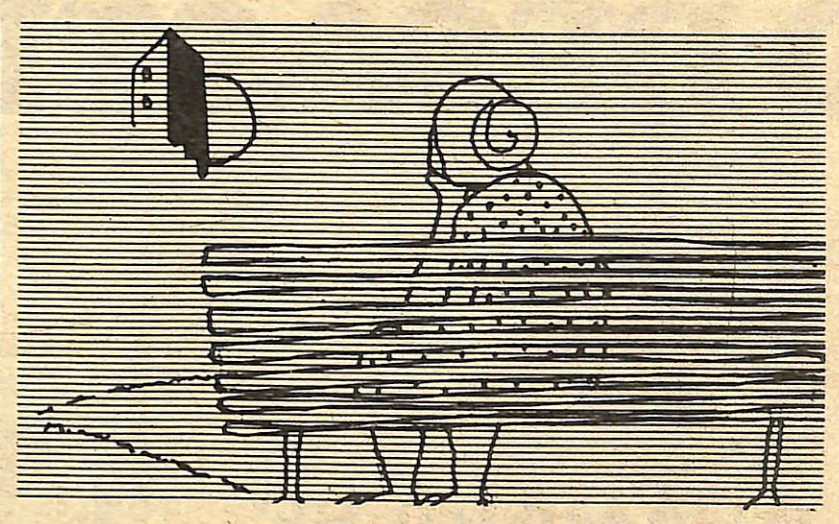
VELHOS

Manhã de sol. E depois?

Durante a manhã ensolada de terça-feira passada os velhinhos do Lar Nossa Senhora das Graças tiveram a oportunidade de se reintegrarem à sociedade. Foi por poucas horas, mas o tempo suficiente para sentirem um pouco de afeto que as frias paredes de um convento não têm condições de lhes dar.

O local escolhido para o reencontro da cidade com os velhinhos foi a praça marechal Floriano Peixoto, atrás da Catedral. Várias mesas foram colocadas na praça e os velhinhos aproveitaram para mostrar as suas qualidades como jogadores de dominó e truco. Enquanto isso, muitas senhoras de cabelos brancos, sorridentes, procuraram se acomodar sob a proteção das árvores, escondendo do forte sol da manhã as suas faces outrora bonitas.

Durante várias horas, os velhinhos se divertiram, sob os cuidados de alunos da faculdade de Educação Física. O conjunto musical Meneghati tocou muitas marchinhas, polcas, xotes, os pares se formaram e a antiga praça ficou cheia de gente para ver com que categoria os velhinhos ainda dançam ritmos que hoje quase não existem mais.



Além do pessoal do Lar Nossa Senhora das Graças, participaram do acontecimento, que fez parte da III Semana da Geriatria, membros da Sociedade Recreativa dos Caçadores e Clubes de aposentados.

Segundo irmã Marta, diretora do Lar Nossa Senhora das Graças, os velhinhos foram levados até a praça, no centro da cidade, para amenizar a sua situação, às vezes de total abandono. Outros encontros como esse serão realizados no futuro e terão a participação de outras entidades que congregam velhinhos. "Esse tipo de atividade", salientou irmã Marta, "colabora para reintegrar o velho numa sociedade que praticamente esqueceu que ele também faz parte de nossas vidas".

Pena é que, para que essa integração se faça, é preciso de um pouco mais do que uma alegre manhã de sol e folguedos.

IMPRENSA

Mosquitos

Carlos Chagas, diretor da sucursal de O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde em Brasília vai responder inquérito aberto pela Polícia Federal e corre o risco de ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Essa atitude do Governo provocou diversas reações de solidariedade ao jornalista, tanto no Senado como na Câmara Federal. Duas semanas atrás, o enquadrado foi Lourenço Diaféria, que criticou a estátua de Caxias.

O líder da oposição no Senado, Franco Montoro, , classificou o inquérito como uma medida violenta e injusta. E foi mais além: "este é um processo errado, contra a pessoa errada e fundamentado em uma lei errada". Para Montoro, o processo é errado porque O Estado desmentiu com o mesmo destaque a notícia de que durante a ocupação policial do Campus da UNB foi quebrado um recipiente de vidro contendo mosquitos infetados com febre amarela; a pessoa é errada porque normalmente se processa o diretor do jornal ou quem faz a matéria; e a lei é errada porque a mais adequada nesses casos seria a Lei de Imprensa, feita pelo próprio Governo contra jornais e jornalistas.

A repercussão do inquérito contra Carlos Chagas atingiu os mais diversos setores políticos do País. O senador Nelson Carneiro (MDB-RJ), achou que a Polícia Federal não deveria ter aberto o inquérito, já que dias depois da publicação da notícia, ela teve em mãos a retificação dada pelo próprio jornal.

Gamaliel Galvão também lançou o seu protesto, dizendo que "continua o festival de besteiras e de estupidez instalado no Brasil a partir de 1964", e disse ainda que traria a sua solidariedade ao jornalista e ao O Estado em seu nome e do MDB, que aprovou por unanimidade um voto de repúdio ao sistema pelo enquadramento de Carlos Chagas.

LAZER

Rua de brinquedo

Foi uma idéia que alguns professores do colégio São Vicente de Paulo tiveram há alguns anos e que não morreu através dos tempos. Por isso, na próxima quarta-feira, dia 12, acontecerá mais uma Rua do Lazer, que tradicionalmente reune crianças de 4 a 10 anos de idade durante uma tarde inteirinha.

A garotada terá a oportunidade de jogar futebol, vôlei, tênis de mesa e outras atividades esportivas. Além disso, poderá optar por diversos tipos de brincadeiras, como as de roda, corrida do saco, unha na mula ou artesanato e pintura.

A Rua do Lazer será nas ruas que circundam o Lar Nossa Senhora das Graças, no Anhangabaú, e proporcionará cerca de vinte tipos de atividades à garotada.

CIDADE

Um desastre confidencial

Então o Secretário das Finanças, Gildo Cantelli, e o diretor da Fazenda, Álvaro Velotti, ambos da administração Ibis Cruz, já sabiam de tudo. Segundo eles, o empréstimo "NH/Banespa Fidren, de Cr$ 352.958.000,00 não deveria ter sido contraído, para o bem da cidade.

Um documento publicado pelo **Jornal de Jundiaí** na quinta-feira dia 6, revela que, 27 de maio de 1976 os dois funcionários enviaram ao então prefeito municipal um Relatório Confidencial alinhavando uma série de razões contrárias ao empréstimo. No relatório, o diretor da Fazenda e o Secretário de Finanças argumentavam que se o município contraísse novos empréstimos os orçamentos de 77/78/79 seriam deficitários, bem como o ensino primário estaria prejudicado, além de que a próxima administração não teria dinheiro para executar obras públicas, equipamentos e compras de móveis; e sugeriam também a imediata contenção de despesas supérfluas e das obras não prioritárias.

Uma cópia de relatório foi protocolada "para que fique registrado nos anais desta Prefeitura nossa desaprovação ao empréstimo BNH/Banespa/Fidren".

Pois bem: o então prefeito Ibis Cruz desconheceu o relatorio confidencial de seus dois assessores, contraiu o empréstimo, e agora aí está a cidade afundada em dúvidas até o pescoço, mendigando recursos aos governos estadual e federal.

O que significa o **beau geste** dos dois assessores financeiros de Ibis, vindo a público agora, revelar que eles eram contra o empréstimo?

Não adianta nada, agora, ficar "registrado nos anais da Prefeitura" que eles eram contra o empréstimo. Essa atitude burocrática e protocolar em nada contribui para melhorar as coisas. Porque não vieram a público denunciar o desatino que o prefeito estava cometendo?

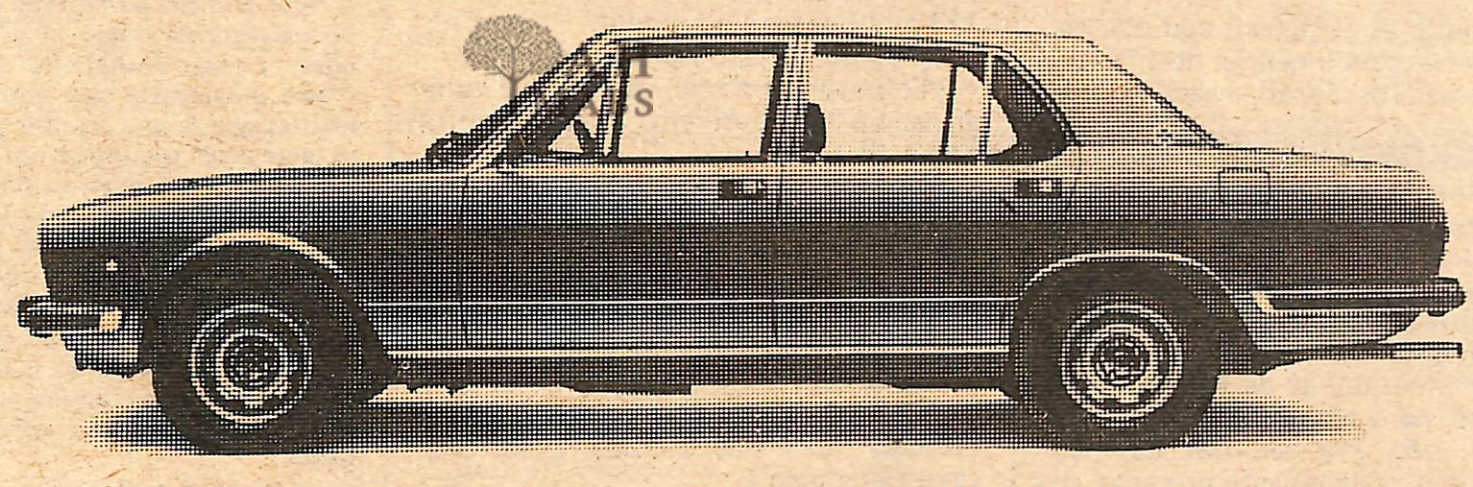
Infelizmente, isso é apenas o reflexo de um estado de coisas, em que a administração pública é tratada como se fosse propriedade de uns poucos escolhidos, onde as informações circulam em relatórios confidenciais, onde as decisões são tomadas à revelia dos interesses da comunidade, marginalizada e alienada do processo, mantida à distância, como se a sua participação fosse suspeita, perniciosa e nociva.

Na época em que o empréstimo foi contraído, só o **Jornal de 2a.** alertou com insistência para a imoralidade do negócio, não apenas pelo endividamento excessivo, mas também, pela destinação que foi dada a esse dinheiro – sob todos os pontos de vista, uma destinação suspeita.

Os outros órgãos de imprensa, anestesiados pelas verbas publicitárias generosamente distribuídas pelo poder público, alinharam-se aos que proclamavam que opor-se ao empréstimo era anti-patriótico, ou subversivo, e que era colocar-se contra o progresso da cidade.

Aí está o resultado: o prefeito Pedro Fávaro e seus assessores, de chapéu na mão, vagando pelos gabinetes oficiais em Brasília, implorando por uma solução – eis a triste imagem que sobrou de toda essa farsa. Ainda mais triste se se levar em conta que foi desses mesmos gabinetes que emanaram as ordens para que o catastrófico empréstimo fosse concedido com fulminante rapidez.

Venha dirigir o 1º importado feito no Brasil. Você não precisa nem carteira internacional, nem passaporte.



O Alfa Romeo 2300 TI foi projetado e construído especialmente para o mercado europeu. Mas para a satisfação de todo mundo que sabe apreciar um automóvel sofisticado e esportivo, ele também é vendido no Brasil e já vem super-equipado: vidros atérmicos, aquecimento interno, ar condicionado, inclusive para o banco de trás, bancos reclináveis de veludo, painel de instrumentos completo com luzes-testemunha, rádio AM/FM com toca-fitas stereo, antena elétrica.

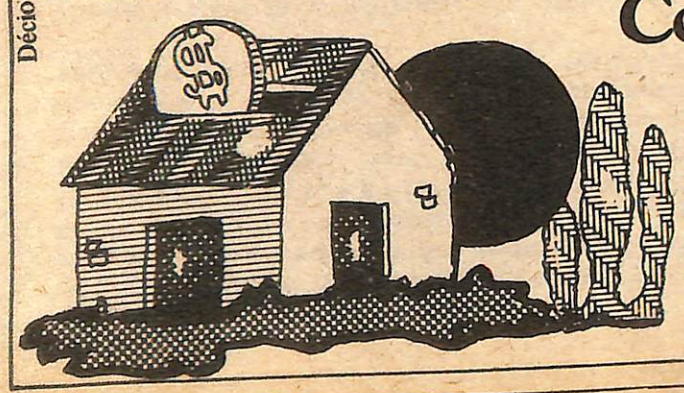
Para conhecer esses e testar todos os outros detalhes do Alfa Romeo 2300 TI, traga sua carteira de habilitação brasileira e a vontade de conhecer o primeiro importado feito no Brasil.

Alfa Romeo 2300TI

J. V. Jun Veículos S.A.

Av. Manoela Lacerda de Vergueiro, 100 JUNDIAÍ
Fones: 434-2353 - 434-7056 - 434-7244

Construir ou reformar com A.Mietto, faz bem.



Na hora de construir ou reformar sua casa, procure A. MIETTO.

A. MIETTO tem azulejos, pisos, ferragens, tintas, metais sanitários e o maior e mais completo estoque de materiais para construção da cidade.

Tudo com a qualidade que faz bem à sua casa, por um preço que faz bem ao seu bolso.

Agora você já sabe porque construir ou reformar com A. MIETTO faz bem.

MIETTO

MERCANTIL A. MIETTO LTDA.
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

Matriz: Avenida São João, 630/644 Fones: 434.2214
Filial : (tintas) Avenida São João, 623 434.2215

ARTIGO

UM ORÇAMENTO "SUI GENERIS"

Em obediência a Lei Orgânica dos Municípios, o sr. prefeito municipal encaminhou ao estudo e competente aprovação dos vereadores o projeto que dispõe sobre a despesa e receita municipal no próximo exercício.

A molde do que fez anunciar por antecipação, s. s. instruiu aquela peça normativa da administração com um déficit estimado em 118 milhões de cruzeiros.

Essa estranha diferença compreende amortização, juros e correção monetária devidos no ano de 1978 aos estabelecimentos de crédito que emprestaram dinheiro a Jundiaí no governo do sr. Ibis Cruz.

Pelo que se ouve dizer na Prefeitura — prurido que já extrapolou as colunas dos jornais — não haverá recursos hábeis a fim de que façam face a esses compromissos. Vale dizer que o executivo submeteu ao crivo da Câmara um orçamento irreal. Sem condições de ser atendido.

Nesse caso — descartada a hipótese de um entendimento melhor — o município, no ano que vem, estará descoberto no que respeita as suas obrigações com os credores dos empréstimos contraídos para pavimentação e planoviário, obras, aliás, que ficaram pela metade embora tenham consumido todo o dinheiro arrecadado para sua destinação.

Quanto aos credores, será que concordarão com o fato, levando simplesmente em conta a incapacidade financeira da cidade? Conseguirá o prefeito, nas suas andanças de chapéu à mão, sensibilizar os poderes para que venham em socorro da situação?

Vão aí duas perguntas ociosas já que a ninguém é dado responder pelo menos até que se pronunciem os escalões governamentais.

Todavia, ainda que por despautério, aqui vai formulada uma terceira pergunta, que endereçamos aos "experts" em orçamentos e contabilidade públicos: É permitida a elaboração da peça em apreço com o aleijão que apresenta?

Como a ninguém é dado ignorar, os dispositivos do orçamento passam a vigir depois de que sejam transformados em lei. Ao prefeito cabe promulgar a lei. A lei, de acordo com o que estabelece lei maior, deve ser cumprida como nela se contém e declara.

Se, de antemão, sabe o gestor que não há respaldo financeiro que dê fulcro à dívida consolidada, no tocante aos últimos empréstimos como dar validade ao projeto?

Falam, ainda, por lá, que o "modus-facciendi" é a única alternativa que resta ao prefeito. Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja. Ou estaremos ao sabor de uma atoarda artificial "pour epater les bourgeois"?

O orçamento é um Frankestein, um anencéfalo. Será que a Câmara vai aprovar uma monstruosidade dessa natureza?

Elcio Vargas

CRÔNICA VADIA

E AGORA, ZÉ?

Como é que é? Quem aguenta o rojão?

O prefeito anda por aí, pedindo esmola. Precisa, com urgência, de 118 milhões de cruzeiros. Senão, a vaca vai pro brejo.

Aqueles gajos que apoiaram pública e notoriamente a administração de seu Ibis, meteram a cabeça na terra como os avestruzes. Já não apregoam, como nos tempos idos, o saneamento das finanças municipais.

A diferença entre o ativo e o passivo lá na Prefeitura é só de 118 milhões! Vocês têm para emprestar? Digo mal, emprestar, não. Pra dar. Dar de mão beijada como o alucinante presente da Ebeteú. Isso porque de empréstimos já estamos até o nariz. Agora, o que necessitamos é dinheiro barato. Ou melhor, de graça. Dádiva filantrópica que só poderemos conseguir mercê da prodigalidade dos grandes jundiaienses. Seu Portela é um deles. Foi ele quem nos arrumou aqueles muitos milhões que não podemos pagar. Vai ter que dar um jeito. De chapéu à mão vamos bater à sua porta. Será que desta feita ele atende? E ajeita? É o que veremos.

De pato e ganso — em matéria de orçamento eu manjo muito pouco. Mas, estou vendo que a receita não bate c'oa despesa. Estamos necessitando de 118 milhões para equilibrar.

E agora, Zé! Como é que é?

Se puserem na lei, vão ter que cumprí-la. Se não puserem, estarão contra a lei.

O peixe que corre é que vão pedir socorro ao governo. Do contrário a casa cai.

Dizem as más línguas que quando a cidade não pode pagar o que deve o Estado intervém. Será que vamos ter interventor?

Que beleza. Era só o que nos está faltando. Mas, não é culpa nossa. Graças a Deus, não é.

Vocês se lembram quando gritávamos aqui que o burro não ia aguentar? Nessa hora seu Ibis contradisse. . . Guenta. A palavra dele lá em Brasília valia mais que a nossa. E carregaram o burro.

Mandaram ao diabo os que grunhiam contra a incapacidade de endividamento.

O orçamento vem com mais 118 milhões além do que podemos pagar.

E agora, Zé. Como é que é?

Passamos o calote no credor ou abrimos os cofres para o rapa? V/2.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

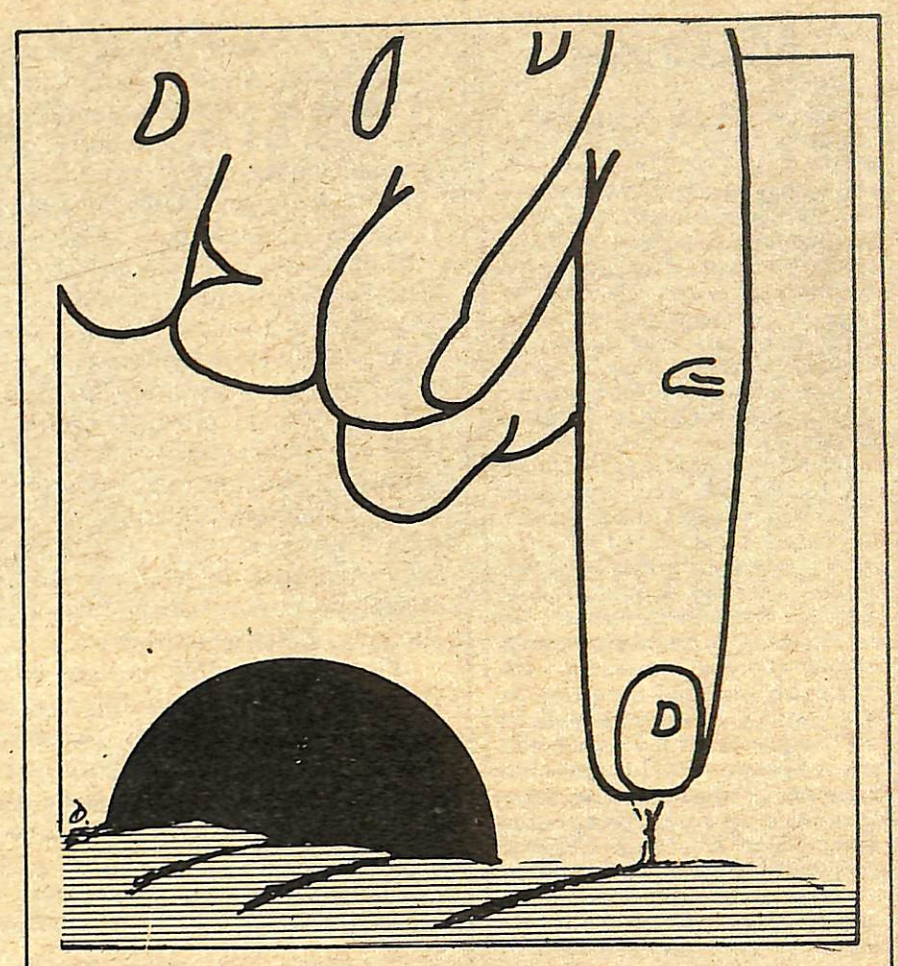
E ARMÁRIO DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 — Tel. 434 - 6398
434 - 6598 e 434 - 6798

CRÔNICA



Outono, 1964.

Nasceu prematuramente, devido a uma queda sofrida pela mãe, quinze dias antes dos nove meses regulamentares da gestação.

Também foi desmamado prematuramente, quando o leite da mãe secou na décima-segunda semana depois do parto.

Durante sua infância não lhe permitiram: mexer no pipi ("é pecado"), tirar caca do nariz ("é feio"), ver o pai trocar de roupa ("vai lá pra baixo, menino"), tomar banho com a prima ("homem com homem, mulher com mulher"). E obrigaram-no a: fazer primeira comunhão ("é o corpo de Jesus") beijar o avô no caixão ("dá tchau, que ele vai indo pro céu"), fazer as lições à tarde ("futebol é coisa de vagabundo"), dormir cedo ("esse programa é pra adulto"), mostrar aquele recortes de revistas que levava sempre para o banheiro ("ninguém demora tanto assim pra tomar um banho").

Tudo isso colaborou para que ele nunca repetisse um ano na escola, respeitasse a opinião dos mais velhos, nunca chegasse em casa depois das dez, não fumasse e nem bebesse.

A partir dos dezoito anos, porém, passou a tomar decisões próprias: votou em candidatos da oposição, recusou o emprego de favor que o patrão do pai ofereceu, participou de eleições sindicais chegando a ocupar um cargo de 2.o secretário.

Por achar que aquela ainda não era sua vocação, fez cursinho à noite, prestou vestibular e entrou na escola de jornalismo.

Deixou o antigo emprego ("você ficou maluco, com um salário desses") e quase morreu de impaciência e fome, tantas foram as entrevistas adiadas a tão poucas e mal pagas as reportagens-frias ("vale pra você pegar cancha"). Por fim, conseguiu o emprego: primeiro, assuntos gerais, uma ou outra reportagem especial. Depois, política. Finalmente, a sua coluna — análise perspicaz, crítica corajosa, proposta de novos caminhos. Foi várias vezes taquigrafado para ser transcrito nos anais, a pedido de oradores que, da tribuna, punham ainda mais vibração nos seus escritos.

Podia se orgulhar de ter colaborado para que orçamentos fossem rejeitados, vetos mantidos, comissões especiais criadas, altos funcionários demitidos, máquinas administrativas derrotadas em eleições.

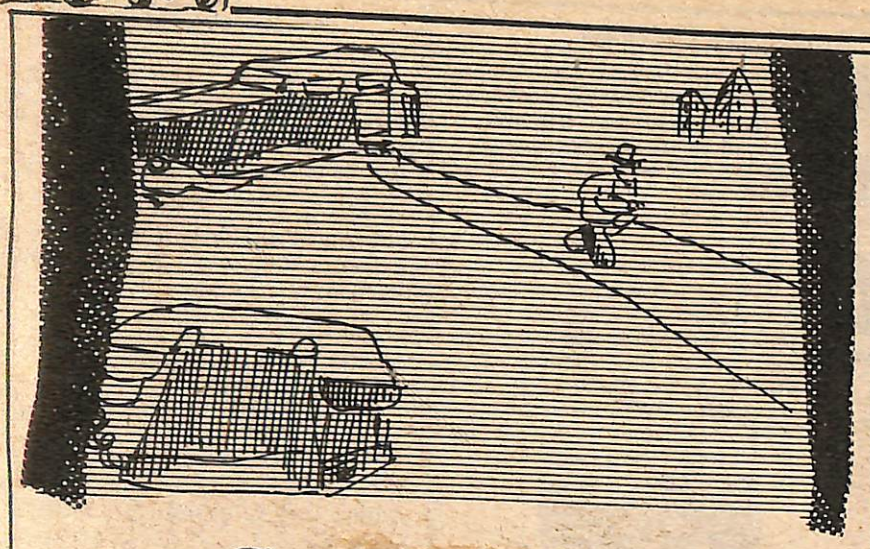
Diante dos empossados que ajudou a eleger continuava mantendo distância conveniente para poder, frente ao menor escorregão, disparar o projétil mortal de sua crítica descomprometida com nomes ou clãs.

Um dia, saindo do trabalho para casa, passou por uma praça onde havia um circo. "Último espetáculo nesta cidade". Entrou, riu com palhaçadas, gelou durante saltos mortais, intrigou-se com baralhos e cigarros mágicos e, meu Deus! não podia acreditar na emoção que sentia diante de Lígia, a contorcionista.

A partir de então, nunca mais, nestes últimos treze anos, perdeu uma apresentação de Lígia, tanto sob a lona mil vezes montada e desmontada do circo, quanto dentro do espremido trailler-camarim que tem o nome dela pintado na porta.

Felizmente para o jornalismo e para as instituições, sua deserção não trouxe maiores consequências: o último dia do espetáculo na cidade coincidira com o fim da subversão e da corrupção, que há séculos atravancava o progresso do país.

Erazê Martinho



Cena aberta

Personagens: Dignitário, Interlocutor, uma limusine azul (de onde desceu o primeiro), um telefone vermelho (sem maior participação no entrecho, só para dar clima), Murmúrios Gerais (ouvidos em off fora da cena).

Começa o diálogo:

Dignitário: **Aqui estamos para. . .**

Interlocutor: **Vossa Excelência tem uma visão profunda da problemática, mas eu acredito. . .**

Dignitário: **Eu também acredito, mas sob outro ponto de vista, uma vez que Vossa Excelência há de notar que as pressões advindas de certos setores tendem a criar, de uma forma ou de outra. . .**

Interlocutor: **Tendem e não tendem. Depende do ângulo em que Vossa Excelência se coloca. Do nosso ponto de vista, por exemplo, eu posso me valer de Max Weber para fundamentar aquilo que nós consideramos como princípios inarredáveis. Dizia Weber que a ciência do mercado gera matizes. . .**

Dignitário: **Que gera matizes, gera. Até aí, estamos de acordo. Mas Vossa Excelência, certamente, não pode desconsiderar o fato de que a partir das tensões estratificadas de certas camadas podem originar-se posições dúbias, e essas posições dúbias podem servir de ponto de partida. . .**

Interlocutor: **Certo, podem servir de ponto de partida, concordo. Mas daí a dizer que. . .**

Dignitário: **Longe de mim insinuar que. . .**

Interlocutor: **Mas não estou insinuando que Vossa Excelência esteja pretendendo insinuar. . .**

Dignitário: **Nem de longe eu pretendi insinuar uma insinuação de que havia insinuação de vossa parte. Só estou tentanto dizer que, baseados em dados estatísticos reais, temos profundas razões para acreditar que. . .**

Interlocutor: **Bem, Vossa Excelência deve ter as suas razões para acreditar, como nós, baseados em dados estatísticos tão réais quanto os seus, que a partir de certas colocações e de certos fatos consumados. . .**

Dignitário: **Depende, os fatos podem ser consumados. Depende sempre de quem consuma os fatos. De minha parte, posso assegurar-lhe que a consumação de fatos precisa sempré ser analisada a partir da premissa que visam estabelecer, de forma nítida e clara, de onde partem as objeções. . .**

Interlocutor: **As objeções, Vossa Excelência há de admitir, nem sempre partem de onde parecem partir. Às vezes podem partir de outros setores que não os setores dos quais pareceriam, à primeira vista, estar partindo. É uma questão de clareza meridiana.**

Dignitário: **Cristalina.**

Interlocutor: **Óbvia.**

Dignitário: **Evidente.**

Interlocutor: **E até mesmo, porque não dizer, lúcida.**

Dignitário: **Diria até: brilhante.**

Interlocutor: **Supimpa.**

Intervêm em cena os Murmúrios Gerais, que penetram pela janela, varam as cortinas de buclê, espalham-se pela sala acarpetada, rodopiam nos copos de Black & White, e vão morrer nos ouvidos do Dignitário e do Interlocutor. Espanto:

Dignitário: **Homessa! De que se trata?**

Interlocutor: **Cáspite! De que se agita?**

Vão os dois juntos até a janela, espiam. Os Murmúrios Gerais são provocados pelo Povo, caminhando em alegre séquito, comemorando o título do Coríntians.

Dignitário: **Por Zeus! O que é aquilo?**

Interlocutor: **Ad hoc, eu diria que é o Povo.**

Dignitário: **Povo? Pelas barbas de Netuno! E a que vem tamanho escarcéu?**

Interlocutor: **Sagrou-se o Coríntians campeão no campo de batalha. E o Povo está a comemorar.**

Dignatário: **Santo Deus, por um momento pensei que eles fossem, interromper nosso profícuo diálogo. Prossigamos, pois.**

Interlocutor: **Prossigamos, pois. Havemos de convir que os anseios gerais. . .**

Dignitário: **Havemos de convir, sim, se havemos. . .**

Cai o plano. Entra trilha sonora. Maria Bethânia desafinando: "Ao fim de cada ato, limpo num pano de prato. . ."

Sandro Vaia



Vera Lúcia teve a idéia



. . . uma casa onde troca-se de tudo

TROCA-SE TUDO QUALQUER COISA. TRATAR AQUI.

Troca-se uma vitrola de 1908 por uma balança Filizola, troca-se um ferro de passar roupa a gás acompanhado de um bujão por um relógio de pulso; troca-se dois rádios – um de 1922 e outro de 1917 por um ferro de passar roupa antigo mais um rádio portátil; troca-se um microscópio por um despertador.

Se você está interessado em fazer negócios desse tipo, existe um lugar adequado para isso. Na Avenida Fernando Arens, 1126, há uma placa indicando: "Casa de Trocas. Só Trocamos. Não vendemos". A casa foi aberta em agosto, e lá foram feitos, entre outros, esses negócios citados.

O dono da Casa de Trocas é João Ribeiro, um homem que já foi vendedor até de panela de pressão, e que diz conhecer "meia Jundiaí".

A experiência não foi exatamente copiada do "Mercado de Trocas" da apresentadora de TV Maria Tereza Gregori, já que lá as próprias pessoas é que transacionam diretamente seus objetos. Na loja de João, é diferente: ele começou formando estoque com objetos de sua própria casa, "assim como presentes de casamento que nunca foram usados, ou pouco usados". Então as pessoas foram chegando lá, se interessando pelos objetos, e trocando-os por objetos seus. Resultado: como quase sempre as pessoas levam duas ou três mercadorias para trocar por uma, o estoque vai crescendo.

Bem, e qual é a vantagem do negócio para o dono da loja?

Por enquanto, praticamente nenhuma, já que nas trocas geralmente não entra dinheiro. "Às vezes – explica João – quando a pessoa concorda, depois de efetuada uma troca, deixa algum dinheiro, uns dez cruzeiros, para ajudar e aliviar as despesas, como o aluguel, etc.".

Mas a intenção de João, para mais tarde, quando a freguesia aumentar, é o de alugar um salão maior e cobrar uma taxa de cinco cruzeiros pelo ingresso da pessoa na loja.

João, por enquanto, trabalha numa indústria da cidade, porque a loja não lhe rende nada. Mas sua intenção, mais tarde, é passar a viver dela, com o lucro que der.

A idéia de abrir a Loja de Trocas foi de Vera Lúcia, sua mulher:

– Acontece – explica João – que na casa de todo mundo sempre existem algumas coisinhas que não são úteis, e também sempre falta alguma coisinha que pode ser útil. Então porque não trocar essas coisas?

ESTOQUE

A Casa de Trocas tem algumas regras, é claro. Além de não trocar com menores de idade, há uma objeção quanto a objetos: "Não aceitamos mais perucas nem vestidos de noiva. É o tipo de coisa que muita gente tem e da qual quer se desfazer, mas depois fica parado aí, ninguém mais quer", explica João.

Os objetos mais procurados são antiguidades, como ferros de passar roupa (que podem servir como objeto de decoração, ou como vaso de plantas), esporas, rádios antigos (há um de 1917, funcionando bem), vitrolas antigas (há uma de 1908, a corda, e também funciona direito).

Quem avalia as mercadorias são os próprios trocadores e o dono da loja, que funciona das 8 às 12 e das 13h30 às 18 horas, inclusive sábados e domingos. Isso, por enquanto, pois segundo João, "nos fns de semana o que mais aparece é curioso".

Uma amostra do que a loja tem em estoque: violões, quadros, esculturas, um lampião de carbureto ("para caçar rãs"), relógios, bolsas, máquinas de somar, vasos, balanças, louças, livros, vestido de noiva, vitrolas, peças de carro, bijuterias, abajurs, xales, eletro-domésticos, rádios e antiguidades.

Bom Gosto:

este é o tipo da coisa que todo mundo acha que tem. Opiniões à parte, continuamos atendendo pessoas à procura de nossos objetos de decoração, tão variados quanto as cozinhas que sempre fizemos. Aliás elas agora são em dez pagamentos iguais. Dê uma passadinha na nossa loja e veja até que ponto pode ir o "seu" bom gosto.

Rua Zacarias de Góes, 142 - Fone: 436.2144

ARIEL S.A. IMP. e COM.

REVENDEDOR EXCLUSIVO DE CHAPAS, TUBOS E PEÇAS DE CIMENTO AMIANTO BRASILIT

"EXPERIÊNCIA DE 25 ANOS A SUA DISPOSIÇÃO"
FONES: 434.5434 – 434.5234 – 434.2730
PÇA. DR. DOMINGOS ANASTÁCIO N.o 531

ZONA FRANCA

AGRADECIMENTO

Tem esta, o fim de agradecer-lhes a reportagem publicada por este apreciado jornal, em sua edição de domingo último, a respeito da Livraria Anhanguera.

Durante esses 32 anos em que, sempre nos esforçamos em bem servir a população local, neste ramo comercial, sentimo-nos hoje, agradavelmente sensibilizados, com as atenciosas referências que Vs. Ss. nos dedicaram, quando vamos encerrar as atividades desta Casa.

Elas permanecerão perenemente em nossos arquivos e em nossos corações. **José Faggiano Jr. & Filho Ltda.**

Este jornaleco aqui não tem nada de ser agradecido. Aliás, a cidade, sim, é que deve ter os pêsames pela perda da Livraria Anhanguera.

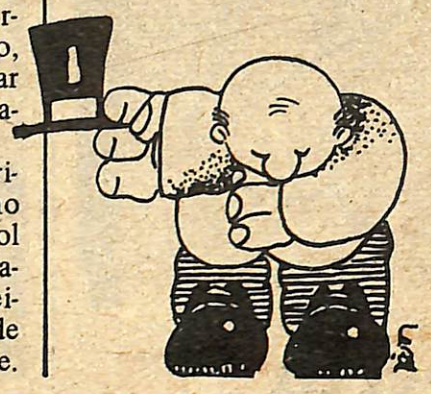
PALMAS PARA NÓS

Recebi com especial agrado o n.o 114 do seu prestigioso semanário, que entre variadas e interessantes matérias, trouxe o resultado do "I Concurso de Contos de Jundiaí", do qual tive o privilégio de participar.

Embora o meu conto "A Promoção" não tenha alcançado nenhuma classificação, quero deixar patenteados os meus sinceros agradecimentos pela oportunidade a mim propiciada. Valeu a experiência. Espero em outro concurso desse órgão informativo, poder, novamente, emprestar a minha modesta colaboração.

Receba os meus cumprimentos pelo bom trabalho que vem realizando em prol da imprensa brasileira, através de um jornal de boa feitura, com matérias atuais e de real interesse da coletividade. **João Batista Camanha.**

Que é isso, João! Nós é que temos de cumprimentá-lo e agradecer pela sua disposição em participar do nosso concurso.



ASFALTO

No dia 2, uma noite de domingo, estava passando em frente ao prédio do Colégio José Feliciano de Oliveira quando, para meu espanto, tinha um carro afundando no asfalto. Vejam só! E por falar em asfalto, como é que a Prefeitura deixou que aquilo fosse colocado na rua sem a mínima segurança?

Estou sabendo que a cidade está completamente endividada e insolvente por causa dos empréstimos feitos para a colocação desse asfalto e das avenidas novas. Mas pelo que estou vendo, esse dinheiro foi muito mal empregado. E a cidade vai ter que pagar, não vai? Quem vai compensar os prejuízos por esse asfalto que não aguentou nem um ano? Nós, a população? **Henrique Silva Marinho.**

Pois é, seu Henrique. O J 2a. também está querendo saber essas coisas, que foram devidamente denunciadas na ocasião em que eram cometidas pela administração anterior.

TELEVISÃO

Não sou um telespectador. Essa confirmação pode parecer bastante estranho nesse mundo dominado pelas novelas e enlatados americanos. Mas é verdade. Não que eu deixe de ver televisão, vez ou outra, para assistir a algum bom filme, uma rara exceção que, por descuido dos produtores, ainda acontece na programação.

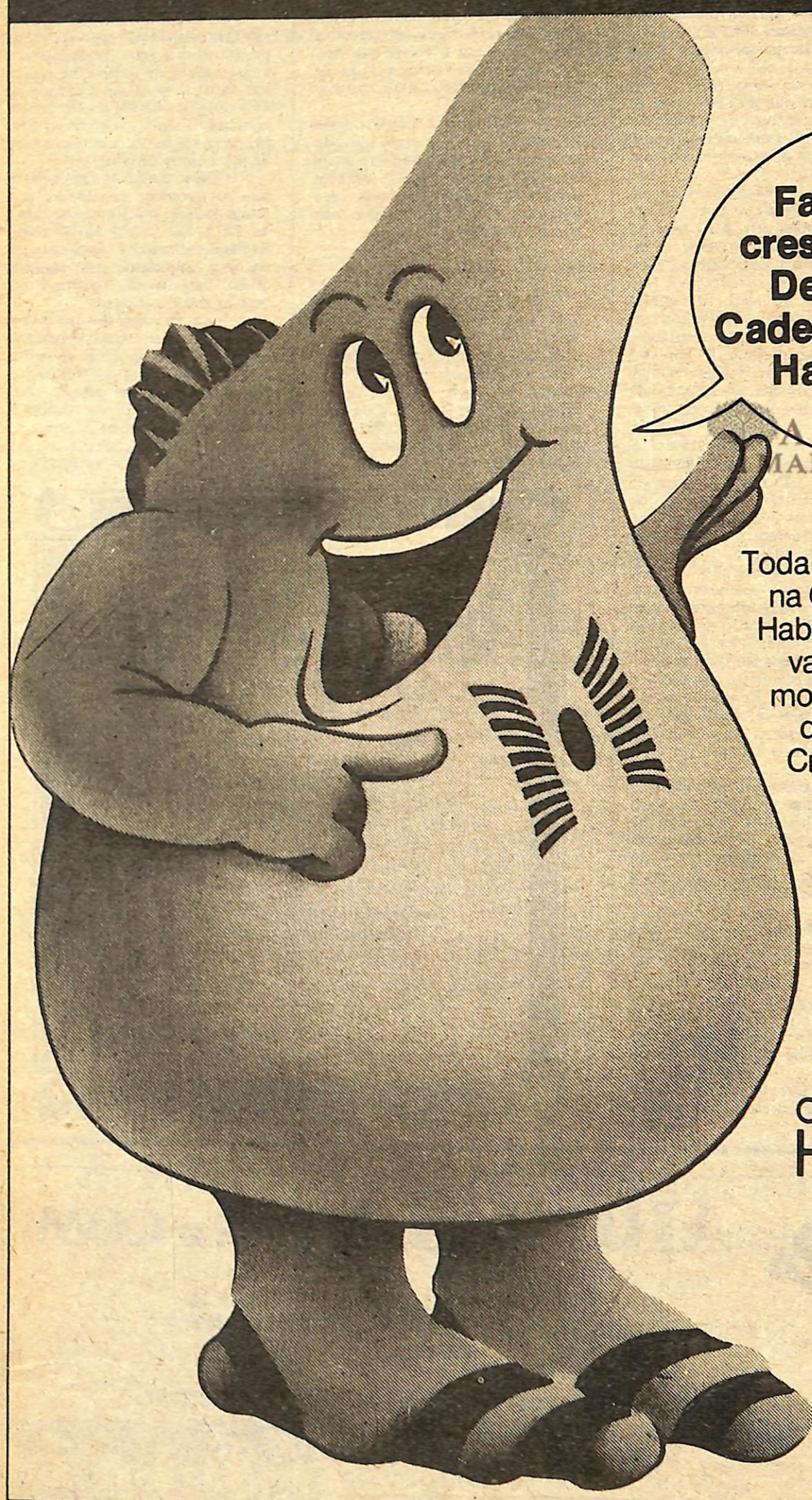
Somando as horas que passo diante do aparelho, não deve dar mais que umas quatro horas por semana. Fiz uma pesquisa em minha casa e cheguei à conclusão que alguns dos membros da minha família, para desapontamento meu, chegam a ficar olhando para a tela luminosa durante cerca de 30 horas por semana.

Aliando este fato, mais a baixa qualidade de programas vistos por eles, encontrei a explicação para o desconhecimento de muitos problemas que existem nos jornais e revistas. A televisão chega a mostrar alguns deles, mas tão rapidamente que ninguém consegue entender direito o que está acontecendo.

É por isso que, às vezes, chego a me perguntar se valeu a pena todas essas invenções maravilhosas, que são usadas de maneira bastante precária para elevar o nível intelectual do nosso povo. **José Artur da Costa**

O sr. tem razão. A televisão perdeu sua finalidade quando abandonou o respeito para com os telespectadores.

Entre na corrente da segurança.



Faça seu dinheiro crescer sempre mais! Deposite agora na Caderneta de Poupança Habitacional APE.

Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

Caderneta de Poupança
Habitacional APE
Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

XEROX
Também é com o
Foto Zézinho
R. do Rosario, 523
Fone, 434.8942

DE BRASÍLIA, VEIO APENAS ESPERANÇA.

O prefeito Pedro Fávaro esteve em Brasília na semana passada. Mas foram poucas as conquistas.

O prefeito Pedro Fávaro, que teve uma audiência com o ministro Reis Veloso na quinta-feira passada, trouxe para Jundiaí apenas esperança. Nada de definitivo foi conversado em Brasília, apenas a apresentação da situação crítica financeira por que passa a cidade e as promessas da solução do problema (ver nas páginas 9, 10, 11 e 12).

Acompanhado pelo coordenador do Planejamento, Antonio Fernandes Panizza, e o vice-prefeito Ary Fossen, Pedro Fávaro estava no gabinete ministerial na hora marcada: 12h30. A audiência com Reis Veloso, segundo o prefeito, "foi tranquilizadora, superando todas as expectativas".

Em Brasílio, Fávaro anunciou o reescalonamento da dívida de 420 milhões, contraído durante a administração de Ibis Pereira Mauro da Cruz, de acordo com os recursos proporcionais da cidade. Assim, espera-se diminuir os gastos anuais com a dívida consolidada, garantindo — pelo menos — a manutenção da máquina administrativa.

Quanto aos recursos para a implantação de obras na cidade, pleiteados ao Fundo Nacional de Desenvolvimento — FND — e Empresa Brasileira de Transportes Urbanos — EBTU — nada de novo foi acrescentado com a visita. Apenas o prefeito sentiu haver interesse por parte das autoridades governamentais para resolver uma situação provocada a partir da autorização para o empréstimo concedido pelo Senado.

Depois da audiência com Reis Veloso, a comitiva jundiaiense visitou o general João Batista Figueiredo — chefe do SNI — e os ministério de Minas e Energia e do Trabalho.

A DÍVIDA

Durante a sua permanência em Brasília, Pedro Fávaro afirmou que "se o Governo não tivesse dado o empréstimo político ao prefeito Ibis Cruz, a minha margem de vitória nas eleições teria sido muito maior". E relembrou a frase de Ademércio Lourenção: "o próximo prefeito será apenas o tesoureiro da cidade".

Mas como a dívida existe, Fávaro tem mantido contato com as áreas federais para expor a atual situação do município, já que grande parte da responsabilidade cabe ao Senado. Na ocasião de se votar a autorização do empréstimo, a bancada da Arena — fechando a questão pela aprovação — contrariou a norma 62/75 do próprio Senado.

Conforme essa norma, o montante da dívida dos Estados e Municípios não poderia exceder o total de 70% da receita do ano anterior. Além disso, o crescimento da dívida não poderia ultrapassar o limite de 20% da receita realizada e o dispêndio anual para a sua liquidação não poderia ser superior à diferença entre a receita total e a despesa corrente realizada no ano anterior.

Mesmo assim, os empréstimos foram autorizados e a cidade não suportou os encargos da dívida, provocando um déficit no orçamento de 78 de mais de 100 milhões, que foram somados aos 40 milhões deste ano. É com estes dados que o prefeito quer sensibilizar as autoridades federais para resolver a insolvência de Jundiaí. O primeiro passo, o reescalonamento da dívida, já foi dado. Falta agora conseguir os recursos pleiteados ao FND e EBTU para dar continuidade às obras viárias que são hoje apenas trechos de avenidas sem interligação e quase ociosas.

José Augusto Freitas, de Brasília especial para o J. 2a.



Fávaro e Ibis: no dia da posse, transmissão da dívida.

E a esperança não basta.

Oficialmente, o prefeito Pedro Fávaro foi a Brasília tentar obter ajuda para cobrir o déficit de Cr$ 157.540.000,00, que é o total que existe nos exercícios deste ano e no orçamento do ano que vem. Na sua bagagem foi o levantamento dos recursos de que a cidade necessita para os transportes, sistema viário, educação, saúde, saneamento básico, habitação e urbanismo, num total de Cr$ 499.880.000 cruzeiros.

Nos outros ministérios o objetivo da visita foi o de fazer contato para facilitar a vinda desses recursos. Por exemplo, sua ida no Ministério dos Transportes prende-se ao fato de que toda a verba destinada para esse fim tem ligação direta com esse órgão federal. No ministério das Minas e Energia a intenção era a de impedir o prosseguimento do processo do alvará de pesquisa a lavra requerida pela Cerâmica Inca. Esse problema, levantado pelo J 2a., só começou a ser tratada quando a reportagem mostrou dados assustadores com relação aos aumentos dos custos de desapropriação da área requerida pela cerâmica, justamente onde deverá se instalar a represa da cidade. Dias antes da publicação, o coordenador de Planejamento afirmou que essa questão ainda não deveria ser discutida.

A cidade, atualmente, passa por uma situação de falência, se isso pudesse ser aplicado a um município. A receita a ser arrecadada nos próximos 17 anos está comprometida pelos empréstimos e há muita coisa a se fazer para evitar um colapso no crescimento de Jundiaí. Pedro Fávaro, desde o início de sua administração, tem viajado constantemente à Brasília. E até agora veio esperança que, infelizmente, não basta. (C.K.I.)

A VERDADE CASTIGADA

I

Acompanhem a evolução kafkiana: a promotora Luzia Galvão, do II Tribunal do Júri, recebeu o processo no qual deveria atuar, como representante do Ministério Público, e chegou a esta conclusão: os autos se referiam ao assassínio de um comerciante, do qual era acusado um homem que nada tinha a ver com o caso. Na verdade, concluiu a promotora, tudo fôra feito — na Polícia e através de seus antecessores, os promotores que acompanharam o desenrolar do processo — para acobertar um investigador de Polícia.

A denúncia foi apresentada ao II Tribunal do Júri, na Capital com o aval do juíz-presidente, Manoel Abrantes Veiga de Carvalho. O réu foi absolvido. Dias depois, o procurador-geral da Justiça, Gilberto Quintanilha Ribeiro, tomou a primeira providência diante da gravidade do caso: afastou a promotora Luzia Galvão do II Tribunal do Júri! Ou seja: não importa o fato, e sim a divulgação do fato. . .

Quando Luzia Galvão denunciou seus colegas, referia-se aos promotores Bruno Irineu Vizitto, Antonio Motta Neto e José Menezes Junior. Os três, segundo consta, pretendem interpelar sua colega judicialmente. A promotora Luzia foi homenageada com um jantar, na noite de sexta-feira passada, oferecido por juizes, promotores, advogados e jornalistas.

Essa solidariedade à Luzia Galvão — à qual me incorporo, de corpo e alma — merece uma explicação. Não é possível que alguém como Luzia seja afastada de suas funções exatamente por cumprir seu dever : agir com honestidade, probidade e decência. Ora, se a denúncia da promotora Luzia é comprovável — e no caso, parece que o é, pois o juiz presidente do II Tribunal do Júri endossou, in totum, as suas palavras, — a moça precisaria ser homenageada, e não punida, pelo menos, segundo os critérios q adoto — honestidade, decência e caráter. Entretanto, o que se viu no caso foi exatamente o contrário.

Ad perpetuam rei memoriam, ou para perpétua memória da coisa: isso que aconteceu agora, na verdade, não representa nenhuma novidade. Toda vez que um promotor desagrada alguém, é punido. Já foi assim na época em que o procurador-geral era Oscar Xavier de Freitas: nada menos do que três representantes do Ministério Público — Hélio Pereira Bicudo, Alberto Marino Júnior e Djalma Lúcio Gabriel Barreto — foram afastados de suas funções, no caso extremamente incômodas: devassar a podridão do "esquadrão da morte".

De tanto ver triunfarem as nulidades. . .

II

Em sessão plenária realizada na última quarta-feira, o Tribunal de Justiça de São Paulo rendeu tributo à memória de David Pimentel (pai do atual secretário da Justiça), primeiro secretário geral do Ministério Público paulista. Falou, na ocasião, o desembargador Young da Costa Manso.

III

I Exposição Coletiva de Arte e Artesanato de Policiais: será realizada às 20 horas do próximo dia 10, no salão social e auditório da Associação dos Funcionários da Polícia Civil de São Paulo — da qual recebi um convite, enviado pelo presidente Rubens Alfaro Soto.

IV

Não entendi o comportamento do fogoso Alceu Gonzaga, um dos três defensores do delegado Fleury, no júri realizado em Barueri: feroz, o bacharel brandiu, dedo em riste; sua ira contra a imprensa ("não gosto de jornalista") por causa da pressão anti-esquadrão da morte. Realmente, doutor Alceu, o senhor tem toda a razão: onde já se viu essa mentira (sic) toda sobre o esquadrão, publicada pelos jornais? Proponho ao bacharel Alceu que faça 196 vítimas do esquadrão levantarem-se — já! — de suas tumbas. Bando de cínicos! Afinal, o esquadrão nunca existiu, não passa de uma alucinação da imprensa, dos legistas, dos coveiros. . ., não é mesmo Alceu?

(Percival de Souza)

EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS:
Filial — JUNDIAÍ
Rua Senador Fonseca, 1150 — Fone. 434.7507
CAMPINAS Matriz
SÃO PAULO Filial
Fones: 31.3403 e 31.4303 - Fones: 227 0419 e 227.0453



No auditório do Anchieta, os problemas nacionais.



Faria Lima: xeique.

"VIVEMOS UM REGIME HÍBRIDO"

DEPUTADO FEDERAL FARIA LIMA.

Liberal, democrata, renovador ou apenas arenista? Seria muito difícil tentar definir o deputado federal José Roberto Faria Lima com consequências estanques. Ele, que esteve na semana passada em Jundiaí, poderia ser considerado um político híbrido. Aliás, este é o adjetivo que usa para classificar o atual regime brasileiro.

Desde a manhã de terça-feira, Faria Lima visitou indústrias locais, a prefeitura e os jornais da cidade. À noite, falou aos acadêmicos da Faculdade de Direito "Padre Anchieta", abordando problemas nacionais e respondendo às perguntas que lhe foram dirigidas posteriormente.

A palestra deste político de 37 anos, de pai e tios militares – e políticos – teve momentos de extrema lucidez. Mas houve também ocasiões em que seus argumentos se transformaram em estéreis ataques ao MDB. Além disso, Faria Lima demonstrou o quanto as contradições do regime restringem a ação política.

MAGALÓPOLIS

O deputado começou com uma piada: "Os problemas brasileiros são tantos que me sinto como o xeique que recebeu 50 odaliscas. Sei exatamente o que fazer, mas não sei onde começar". Daí, ele entrou num assunto que aborda em todas as ocasiões: a civilização criando as megalópolis.

Para ele, já existe a "Cam-Cam", isto é, um imenso aglomerado urbano que se forma desde Campos até Campinas, tendo como polo central São Paulo. Isto, que a primeira vista pode parecer progresso, na verdade trará mais problemas do que soluções, já que as cidades intermediárias possuem características próprias e devem mantê-las.

Esse fenômeno, no entanto, não existe apenas em São Paulo. Áreas metropolitanas semelhantes foram detectadas em outras regiões brasileiras. Disso surgiu a primeira falha na tentativa de ordenar o desenvolvimento dessas áreas: uma legislação idêntica para todas, não tendo sido levado em conta as diferenças.

Nesta constatação Faria Lima colocou à mostra sua formação humanística adquirida no curso de Economia, que fez no Mackenzie. O surgimento dos grandes aglomerados urbanos, com a ligação das cidades vizinhas, foi prevista pelo alemão Oswald Spengler, na sua teoria do progresso.

As propostas do deputado para o fenômeno, que provocará o aumento da massificação das pessoas, também coincidem com os estudos do historiador Arnold Toynbee. "A necessidade da preservação da individualidade das pessoas e da cidade é fundamental", assegurou Faria Lima, desencadeando uma verdadeira catilinária contra o projeto do Governo de criar o Renap – Registro Nacional Padronizado, justamente por sua atuação massificadora.

"Se Jundiaí não preservar suas características, será engolida por Campinas", afirmou o deputado aos acadêmicos. Mas tudo o que acontece agora está levando para isso. Considerando-se a superficialidade da cultura e o abandono de valores que cristalizem as tradições locais, em pouco tempo não restará diferença nenhuma nos hábitos e outras manifestações culturais nos dois polos do chamado "Cam-Cam".

É claro que essa megalópolis não é uma causa de problemas, mas sobretudo efeito dos dois elementos que Faria Lima considera irmãos siameses: a Economia e a Política. Segundo ele falou aos estudantes, no término da 2a. Guerra Mundial, "os norte-americanos recolheram todas as fichas do jogo". Mas a mantiveram por pouco tempo.

POLICENTRISMO

As experiências atômicas feitas pelos Estados Unidos encontraram logo um concorrente: União Soviética, surgindo a divisão ocidente-oriente. Essa bi-polaridade, conforme o deputado, ainda existe no campo político, enquanto que no econômico o que acontece é o policentrismo. Como ocorre no Japão e Alemanha Ocidental, que são economicamente fortes e dependentes dos EUA politicamente.

Esse policentrismo econômico, estendendo seus tentáculos nos países do Terceiro Mundo, como o Brasil, criou extrema dependência tecnológica através das multinacionais. E o enorme poderio dessas empresas estrangeiras, empregando muita mão-de-obra e gerando lucros fabulosos, "colocam em risco o conceito de Estado-Nação, o conceito de soberania", falou o deputado.

O caminho para a libertação desse colonialismo econômico, que pode atingir níveis catastróficos para o país, segundo Faria Lima, é a mudança da escala de valores, o que só pode ser conseguido com grandes investimentos na Educação.

POLÍTICA

"A revolução brasileira começou quando D. João VI abriu os portos, assegurou Faria Lima ao abordar" o movimento reivindicante para concretizar o sonho do país ideal". Mas existe o fato histórico que tem servido de limite entre o Brasil rural e o urbano: a Revolução de 64, segundo ele:

– Em 64, o Brasil era um país rural. Hoje, é um país urbano. Ou melhor, como Gilberto Freire diz: urbano, porque existem padrões urbanos dentro da zona rural levados pela televisão.

Este fenômeno é criador de uma escala de valores completamente artificial. Por isso, Faria Lima diz que "queremos sonhar nossos sonhos sozinhos. Temos sonhado o sonho dos outros".

A causa maior desse problema, conforme o deputado explicou aos estudantes, está na "indefinição clara de ordem ideológica". Esta situação teria suas raízes na própria essência de sua discussão:

– Precisamos mudar a semântica para entendermos o que estamos discutindo.

TECNOCRACIA

Essa falta de uma base ideológica sedimentada nos escalões decisórios facilitou o aparecimento dos tecnocratas, que são – na interpretação do deputado – "técnicos com poder de decisão ilegítimo". Sem a capacidade de sentir as necessidades da população, eles são os responsáveis pela visão estrábica com que se encaram muitos problemas nacionais.

A ascendência desses "técnicos com poder de decisão ilegítimo" colocou como meta das administrações públicas o cumprimento de seus planos a qualquer custo. Então, foi inevitável a intervenção do Estado na economia. E esta é uma das mais graves contradições do regime: enquanto politicamente existe um liberalismo, na economia ocorre a estatização, assegurada por um autoritarismo do poder central nesse setor.

CONTRIBUINTE

Faria Lima falou aos estudantes que "o problema institucional é fundamental, mas o econômico também". A tese da Constituinte, por isso, é falha porque a preocupação maior está nas instituições políticas e não se considera a situação econômica com todas as suas falhas. Como exemplo ele citou o uso de tecnologia avançada sem que haja condições sociais convenientes e nem infra-estrutura industrial:

– Nós exportamos proteínas quando não alimentamos direito nossos filhos; produzimos automóveis sem ter aço, sem carvão – disse o deputado. Para ele, o MDB entra em contradição na defesa da Constituinte quando alega ser um princípio democrático: "ora, democratas todos nós somos".

DEBATE

A primeira pergunta feita pelo auditório cobrou uma posição pessoal do deputado a respeito dos temas por ele abordados. Faria Lima respondeu:

– É preciso conversar claro. No meu entender, todas as constituições consagraram o regime de livre iniciativa. O processo canceroso que existe busca o lucro como êxito fundamental. O produto interno bruto de São Paulo é igual ao da Argentina, existe um nível de vida elevado.

Assim, ele considera que a livre iniciativa é o caminho ideal, não se admitindo a criação de mais empresas estatais. E as contradições que ocorrem por isso também se deve ao fato da Arena e MDB serem "agremiações políticas carentes, que não conseguem canalizar os anseios do povo".

No decorrer das outras perguntas, Faria Lima abordou o Eurocomunismo, que considera uma "balela", um "artifício" usado pelos Partidos Comunistas para se infiltrarem na população. Para ele, o pluralismo democrático deve existir apenas onde houver regime liberal. No caso do Brasil, "vivemos um regime híbrido" sem que haja esta necessidade.

O surgimento de novos partidos, disse o deputado, não terá nenhuma influência se não for dado a eles o caminho do poder. Quanto aos militantes, ele acredita que existe apenas os critérios rígidos que originam um sentimento ético muito forte. O domínio de fato seria dos tecnocratas.

Faria Lima não acredita numa mudança brusca, mas sim num processo evolutivo lento. E conclamou os presentes a não escolherem os mesmos políticos do MDB que foram eleitos em 74:

– O senador mais votado não abre a boca no Senado. Não vamos escolher o MDB como estuário do não. Eu também digo não.

Ele admitiu que existe um constrangimento por parte dos políticos que, agora, não têm poder decisório. "É extremamente frustrante, mas ao mesmo tempo, estimulante", explicou falando de sua atuação através da tribuna.

Faria Lima ainda respondeu perguntas sobre a visita do presidente Jimmy Carter, que estaria "trazendo Leonel Brizola no bolso do colete". Motivo: uso da Internacional Socialista para neutralizar os partidos marxistas.

Sua atuação na Câmara, segundo declarou, é renovadora, pois considera "vanguarda" apenas um rótulo criado. Quase toda a bancada arenista também teria esse propósito do uso pleno da tribuna no sentido de provocar mudanças.

A única pergunta provocadora foi justamente a última: "o senador mais votado do MDB não abre a boca. E aqueles da Arena que abrem a boca para falar que existem comunistas no movimento estudantil?

Um tanto embaraçado, Faria Lima afirmou que realmente existem. Como o deputado José Bonifácio, só que este "é exceção". As últimas palavras do visitante foram dirigidas à cidade: "Jundiaí tem que decidir seu destino histórico".





ESPECIAL
O DESASTRE DE JUNDIAÍ



Na reunião, o prefeito e os convidados. . .



. . . discutindo as más notícias.

SOLENEMENTE, O PREFEITO ANUNCIA: VAMOS MAL, MUITO MAL.

O prefeito Pedro Fávaro bem que tentou mudar o ambiente formal de seu gabinete durante a solenidade de entrega do orçamento deficitário ao presidente da Câmara, Lázaro de Almeida. Mas pouco conseguiu: a fisionomia de todos os seus secretários, dos políticos e dos jornalistas não disfarçava a preocupação. Afinal, dentro de poucos minutos o prefeito mostraria oficialmente o orçamento de 1978 com um déficit de . . . . . Cr$ 117.540.000,00. Apesar de todo mundo já desconfiar da notícia que Fávaro pretendia dar, as pessoas entraram para o gabinete caladas. A solenidade começou com um certo clima de suspense.

Notando o ambiente um pouco tenso, Pedro Fávaro procurou dar à solenidade um ar menos formal, apenas um "encontro entre amigos". Mas a sua intenção foi apenas conseguida em parte. O ambiente continuou tenso, as pessoas fumando seguidamente e apenas se limitando a ouvir as explicações do prefeito.

Com o seu indefectível terno azul, de riscas de giz e seu maço de Hollywood, o prefeito afirmou gravemente que a presença de todos era importante, "pela tarefa difícil e gigantesca que será enfrentada, dada a grave situação financeira do município, originada basicamente pelas dívidas que Jundiaí contraiu na administração anterior e que atualmente gira em torno de 536 milhões de cruzeiros".

Com voz pausada, fumando um cigarro atrás do outro, o prefeito esclareceu que "não é esta a proposta que gostaríamos de enviar à Câmara Municipal, mas é a única que reflete a realidade. Lamentamos que um município como o nosso tenha chegado ao ponto crítico atual".

Ouvido com muita atenção, Fávaro afirmou que desde o dia que assumiu a Prefeitura, se dispôs a manter, a sua administração baseada na verdade. "E esta é a verdade", salientou,.

— A nossa tarefa — disse Fávaro aos secretários e vereadores — é gigantesca e foi por isso que os convidei para esta solenidade. A situação da cidade é difícil, mas quero levar a todos uma palavra de otimismo: não nos curvaremos e nem vamos nos deixar levar pelo pessimismo. Tenho a certeza de que um trabalho honesto trará muitos frutos à nossa população. Temos um grande problema pela frente, mas também a oportunidade de mostrarmos que com trabalho, esforço e honestidade poderemos conseguir bons resultados.

OS RECURSOS

Todas as pessoas presentes no gabinete ouviram com muita atenção as explicações de Pedro Fávaro, que repetiu o seu descontentamento em mandar o orçamento deficitário à Câmara Municipal. Observado atentamente, o prefeito disse que de forma alguma era contrário à busca de recursos, apenas não comodava com os critérios de utilização e o tipo de empréstimos que foram contraídos.

— O dinheiro que veio para Jundiaí era destinado exclusivamente para asfaltamento, aberturas de novas avenidas e outras obras que, apesar de embelezarem a cidade, não tinham grande alcance social. Atualmente, a cidade está endividada até o pescoço e nem por isso resolveu problemas gravíssimos relativos ao setor de saneamento básico.

Para o prefeito, a captação de recursos foi válida, mas lamentavelmente, não se pode afirmar que esses mesmos recursos foram aplicados convenientemente. "No momento Jundiaí vive um drama seríssimo, que é o de falta de água. Se não fizermos uma grande represa, seremos obrigados a mudar, porque a água disponível não é suficiente para o abastecimento da cidade. Além disso, as nossas redes de águas e esgoto praticamente não cresceram nos últimos anos".

Fávaro lembrou os tempos em que foi prefeito pela primeira vez. "Naquela oportunidade, somente buscavamos recursos para resolver os problemas prioritários, para as obras que tinham premência. Só se justifica a vinda de recursos nesse caso e, por uma questão de critérios, os altos empréstimos conseguidos por Jundiaí não foram aplicados em obras que eram realmente prioritárias. Tudo se baseou em uma questão de critérios e no caso de Jundiaí, podemos dizer que a aplicação não foi válida, já que muitas obras não eram de grande interesse para a população".

O DÉFICIT

Em certo momento, o prefeito pediu que o recém nomeado secretário de Finanças, José Carlos Polo, mostrasse aos vereadores e secretários a situação caótica em que se encontra o município. José Carlos Polo disse que Jundiaí arrecadará em 1978 a quantia de Cr$ 325.834.082,00, o que representa 16,9% a menos da receita de 1977. A despesa será de . . . . . Cr$ 443.374.082,00, surgindo o déficit de quase Cr$ 118 milhões. A despesa, segundo Polo, aumentou em 13,1% em relação ao ano passado, quando foi de Cr$ 392.078.000,00.

Enquanto José Carlos Polo falava, os secretários e vereadores mantinham a fisionomia carregada. A fumaça no gabinete do prefeito, provocada pelos muitos fumantes que acendiam cigarros seguidamente, obrigou um funcionário a abrir uma das janelas. Apesar do prefeito dizer que em 1976 Jundiaí já tinha sofrido um déficit em seu orçamento, de cerca de 93 milhões de cruzeiros, fechando o seu balanço naquele ano com 11 milhões de cruzeiros transportados para 1977, e que portanto não era um fato inédito, os secretários e vereadores não conseguiam esconder o seu desconforto.

Como que para entristecê-lo ainda mais, José Carlos Polo afirmou que está previsto para esse fim de ano, um déficit de 40 milhões de cruzeiros e que será transportado para o ano que vem. Assim, o deficit de Cr$ 117,5 milhões será aumentado para . . . . . Cr$ 157,5.

O prefeito interrompeu o seu secretário de finanças para dizer que em 1977, a Prefeitura já tinha pago cerca de Cr$ 60 milhões em dívidas acumuladas. "É preciso que se diga", afirmou Pedro Fávaro, "que o orçamento de 1978 foi elaborado de forma realista e não tem nenhum arrojo. Ele é composto daquilo que achamos estritamente necessário à manutenção do município".

A dívida de Jundiaí, referente aos empréstimos contraídos na administração anterior chega a 506 milhões de cruzeiros e a cada ano que passa, cresce assustadoramente. Para se ter uma idéia, os juros e amortização previstos para 1979 chegam a Cr$ 139,5 milhões, o que representa um endividamento de Cr$ 282 mil por dia. A administração atual herdou assim a inglória herança de pagar uma dívida que sobrepuja a sua capacidade de pagamento.

COMO PAGAR?

Segundo José Carlos Polo, Jundiaí teria apenas três opções para pagar a dívida que contraiu: 1. fazer mais empréstimos (isso é praticamente impossível porque a cidade ultrapassou o limite de endividamento permitido. A contratação de novos empréstimos seria no momento, sob o ponto de vista técnico financeiro, inviável) 2. Através de superavit financeiro do exercício anterior (aqui cabe uma pergunta do secretário: "como quitar juros e amortizações de outras operações de crédito, se não estamos em condições de pagar os encargos atuais?"; 3. solicitar ajuda financeira do Estado e da União.

Quanto à terceira opção, o prefeito afirmou que as gestões nesse sentido estão sendo feitas. E mostrou a todos um telegrama recebido de Brasília, que confirmava uma reunião marcada para o dia 6 deste mês com o ministro Reis Veloso. "Isso mostra que estamos trabalhando e que não existe imobilidade. Estamos lutando, fazendo contatos com diversas autoridades, mostrando a situação dramática do município".

Para amenizar o problema, o prefeito solicitou ao governador do Estado que mande ao hospital São Vicente de Paulo os Cr$ 20 milhões necessários para a sua reforma. Além disso, o prefeito pediu o ressarcimento, pelo DER e Fepasa, de Cr$ 38 milhões gastos na construção de uma ponte na estrada Velha de Campinas, e do viaduto da ferrovia sobre o rio Jundiaí. "Isso ajudará um pouco, mas não o suficiente". Uma coisa o prefeito deixou bem clara: "não vou onerar mais ainda a população, com aumento de impostos, já que não seria justo o povo pagar duas vezes por uma mesma coisa".

— O que pretendemos fazer — disse Fávaro — é agilizar e reestruturar o nosso sistema de arrecadação de impostos.

As explicações do prefeito durante a solenidade de entrega do orçamento foram auxiliadas por alguns secretários. O secretário de Obras falou do que a sua secretaria tem feito desde que assumiu, exemplificando com os trabalhos na bacia do Guapeva, "onde demolimos diversas pontes e aprofundamos o leito do rio". Também o coordenador do Planejamento, Antonio Fernandes Panizza, deu esclarecimentos sobre algumas obras e planos que a Prefeitura possui para melhorar à qualidade de vida no município.

Depois de quase duas horas, quando chegou a responder algumas perguntas formuladas pelos vereadores Ariovaldo Alves e Tarcísio Germano de Lemos, o prefeito entregou solenemente o orçamento ao vereador Lázaro de Almeida.

Comentando que nas nove vezes que esteve na presidência da Câmara nunca tinha recebido um orçamento deficitário, Lázaro de Almeida disse que estava entristecido. "Mas essa é a realidade, corajosamente enfrentada pelo nosso prefeito. Agora resta que todos nós dividamos essa responsabilidade". (S.H.)

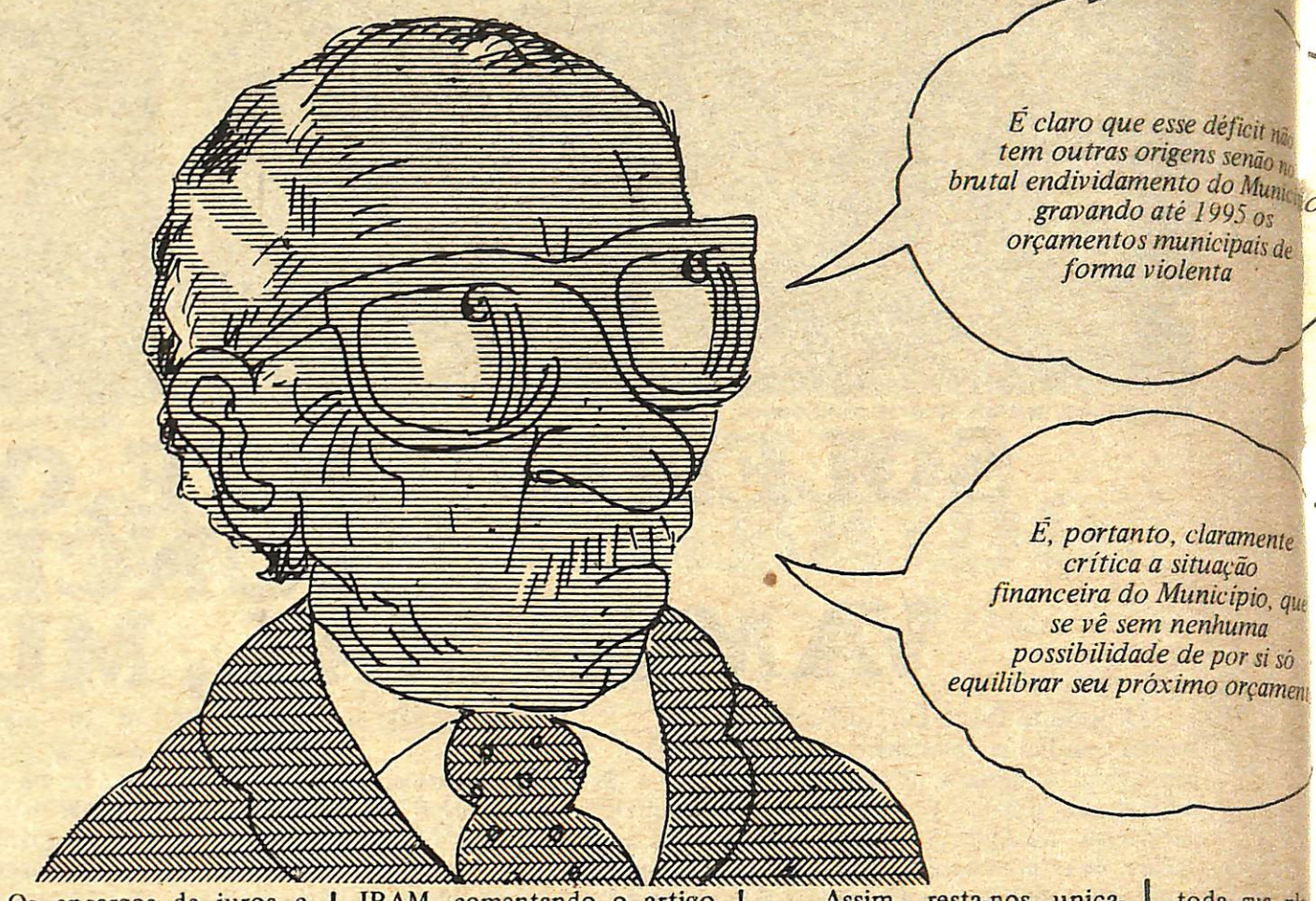
ESPECIAL
O DESASTRE
DE JUNDIAÍ

DOCUMENTO: O ORÇAM

O orçamento entregue pelo prefeito Pedro Fávaro à Câmara Municipal no dia 30 de setembro, foi precedido de uma justificativa, onde o prefeito explica as razões do déficit de 117 milhões e meio de cruzeiros.

Por ser um documento da mais alta importância e de interesse público, o Jornal de 2a. publica abaixo a íntegra da justificativa assinada pelo prefeito municipal.

Não existe, na publicação do documento, nenhum outro interesse que não seja o de fornecer à comunidade todas as informações necessárias à compreensão dos mais profundos problemas da cidade. Eis a íntegra da justificativa:



Senhor Presidente
Senhores Vereadores

. Para a apreciação dos Nobres Vereadores enviamos o presente projeto de lei que trata da Proposta Orçamentária para o exercício financeiro de 1978.

Em sua execução foram observados os dispositivos legais em vigor, especialmente a Lei n.o 4320/64 e as Portarias n.o 04, de 12.01.75, n.o 25, de 14.07.76 e n.o 64, de 12.08.76, da Secretaria do Planejamento da Presidência da República.

Os quadros abaixo mostram a evolução da Receita e da Despesa no biênio de 1977/1978:

RECEITA

DISCRIMINAÇÃO	1977 - Cr$	1978 - Cr$	Δ % - 77/78
RECEITAS CORRENTES			
Receita Tributária	68.850.000	97.730.000	41,9
Receita Patrimonial	502.000	552.000	10,0
Receita Industrial	2.400.000	3.100.000	29,2
Transf. Correntes	124.678.200	184.842.800	48,3
Receitas Diversas	37.400.000	27.450.000	(26,6)
SOMA	233.830.200	313.674.800	34,1
REC. DE CAPITAL			
Alienação de Bens Móveis e Imóveis	9.051.000	551.000	(93,9)
Operações de Crédito	135.000.000	–	–
Transf. de Capital	14.196.800	11.608.282	(18,2)
SOMA	158.247.800	12.159.282	(92,3)
TOTAL GERAL	392.078.000	325.834.082	(16,9)

RECEITA

DISCRIMINAÇÃO	1977 - Cr$	1978 - Cr$	Δ % - 77/78
DESPESAS CORRENTES			
Despesas de Custeio	111.323.700	188.303.800	69,1
Transf. Correntes	77.337.500	115.680.000	49,6
SOMA	188.661.200	303.983.800	61,1
DESPESAS DE CAPITAL			
Investimentos	157.571.800	47.992.200	(69,5)
Transf. de Capital	45.845.000	91.398.082	99,4
SOMA	203.416.800	139.390.282	(31,5)
TOTAL GERAL	392.078.000	443.374.082	13,1
DEFICIT	–	117.540.000	–

A análise comparativa desses quadros deverá abordar dois tópicos fundamentais:

1. O orçamento-programa, atualmente em execução, prevê uma receita de operações de crédito, no valor de Cr$ 135.000.000,00, equivalente a 34% do seu total, alocada em contra-partida como Despesas de Capital – Investimentos em Obras Públicas.

A presente proposta - orçamentária não contém, nem poderia conter, receita oriunda de operações de crédito.

O comparativo demonstra claramente que essa variação de valores em operações de crédito entre os dois exercícios provoca grandes distorções percentuais, principalmente no grupo de Despesas de Capital.

2. No orçamento de 1977 as dotações das despesas foram subestimadas, havendo necessidade de constantes suplementações, a fim de permitir o atendimento de despesas absolutamente indispensáveis, tais como pessoal, contratos com terceiros, encargos sociais, combustíveis, etc. Consequentemente, para o próximo exercício, as dotações das despesas foram ajustadas às necessidades reais e não aos valores consignados no atual orçamento, originando, dessa forma, um aparente crescimento anormal das despesas em relação ao ano anterior.

Como considerações gerais, aduzimos:

O saldo devedor corrigido atual dos empréstimos contraídos com o Banco do Brasil S.A., Banco do Estado de São Paulo S.A. (repasse BNH) e Caixa Econômica do Estado de São Paulo S.A., atinge o montante de . . . . . Cr$ 506.254.000,00 (Valor em 01.10.1977).

O serviço da dívida para 1978 está estimado em . . . . Cr$ 139.500.000,00, assim distribuído:

– Juros	Cr$ 52.000.000,00
– Amortizações	Cr$ 87.500.000,00

Os encargos de juros e amortizações com os empréstimos comprometerão, nesse exercício, 42,8% do total da receita prevista.

As receitas, seguramente, não excederão de modo significativo os valores estimados. As despesas correntes, foram orçadas de modo a atender às mínimas necessidades da administração. As despesas de capital são bastante modestas, estando previstos apenas alguns investimentos inadiáveis, prioritários e aqueles de aplicação obrigatória, de acordo com a Constituição Federal.

Mesmo com toda a austeridade empregada na montagem da presente peça orçamentária, registramos um desequilíbrio representado por um déficit de . . . . . Cr$ 117.540.000,00. Optamos pela remessa ao Poder Legislativo de uma proposta-orçamentária, acusando um deficit elevadíssimo, porém, verdadeiro, ao invés de empregarmos artifícios inescrupulosos que não se coadunam com a nossa linha de governo: superestimar receita, subestimar despesas, prevêr receitas fictícias (venda de patrimônio), etc.

É claro que esse déficit não tem outra origem senão no brutal endividamento do Município, gravando até 1995 os orçamentos municipais de forma violenta.

Tivemos o cuidado de contactar com diversos órgãos do governo, ligados às áreas de finanças públicas, no intúito de se tentar uma solução técnica para o déficit apurado.

Todavia, a própria Lei 4320/64 prevê a possibilidade de ocorrência de déficit orçamentário, caso em que a Lei do Orçamento indicará os recursos que o Poder Executivo irá utilizar para estabelecer o equilíbrio.

O Instituto Brasileiro de Administração Municipal IBAM, comentando o artigo 7 o, § 1.o da citada Lei Federal, indica as três únicas fontes utilizáveis para a cobertura do déficit na proposta orçamentária:

1) Empréstimo;

2) Superávit financeiro do exercício anterior; e

3) Ajuda financeira da União ou do Estado.

Quanto à primeira alternativa, o Município ultrapassou o limite de endividamento permitido, de acordo com as Resoluções n.os 62/75 e 93/76, ambas do Senado Federal. Mesmo que o Município se enquadrasse nos parâmetros legais estabelecidos, a contratação de novos empréstimos, sob o ponto de vista técnico-financeiro, seria inviável e inoportuna.

Como iríamos quitar juros e amortizações decorrentes da contratação de outras operações de crédito se não estamos em condições de liquidar os encargos daquelas já assumidas?

Já em 1976, o Município encerrou seu Balanço com um déficit de Cr$ 93.587.443,25 e com Restos a Pagar no valor de Cr$ 111.457.670,42. Essa situação refletiu-se em 1977 e, mesmo obtendo anuência para dilatar o prazo de início das amortizações dos empréstimos contraídos com a C.E.E.S.P. e BANESPA (BNH), que ocorreriam neste exercício, devemos apresentar um déficit financeiro de ordem de . . . . . Cr$ 40.000.000,00 em 1977, que acumulado ao previsto para 1978, globaliza . . . . . Cr$ 157.400.000,00.

Não há, pois, como se falar em superávit como fonte de recurso para cobertura desse déficit (segunda alternativa).

É, portanto, claramente crítica a situação financeira do Município, que se vê sem nenhuma possibilidade de por si só equilibrar seu próximo orçamento.

Assim, resta-nos unicamente a terceira alternativa: obter a ajuda financeira da União e do Estado prevista no artigo 1.o, § único, do projeto.

Gestões nesse sentido já foram iniciadas e vêm sendo insistentemente mantidas.

Anexamos cópias dos expedientes dirigidos ao Exmo. Sr. Dr. Paulo Egydio Martins, digníssimo Governador do Estado de São Paulo, através dos quais esta Municipalidade solicita um auxílio de . . . . . Cr$ 20.000.000,00 ao Hospital de Caridade São Vicente de Paulo, pedindo, também a interferência junto à FEPASA para que esta empresa arque com as despesas de construção de uma variante ferroviária de 940 metros de extensão, incluido viaduto sobre o leito do Rio Jundiaí e Marginais, edificada as expensas da Prefeitura do Município de Jundiaí, cujo custo supera hoje o valor de . . . . . Cr$ 36.000.000,00. Também solicitamos o ressarcimento aos cofres públicos municipais, de importâncias dispendidas na construção de ponte rodoviária sobre o Rio Jundiaí, de competência exclusiva do D.E.R. – Secretaria de Transportes, no valor de Cr$ 2.074.244,65.

Novas audiências junto às Autoridades Federais em Brasília estão sendo programadas, visando à obtenção de substancial auxílio financeiro, com o escopo de salvar o Município da gravíssima crise financeira que atravessa, evitando que as consequências funestas dessa situação sejam transferidas -a coletividade jundiaiense.

Acreditamos que os Senhores Vereadores, após acurado exame da matéria, aprovarão a presente propositura, cônscios de que ela revela, em

toda sua ple... u
realidade que... iv
cuja superaç... e
nistração env... ar
melhores esf... o
com a patriót... a
laboração da... el
nossa Casa d... e
tam o Povo, ... jo
maiores jun... os

(PEDRO ÁV...
Prefeito Mu...

PROJETO DE LE...
O PREFEITO D...
PIO DE JUN... A...
com o que de... et
Municipal, em... se
ria realizada ...
PROMULGA ...
Lei .....

Artigo 1... t
vado o Orçam... nt
Município de... u
exercício fin... e
discriminado... le
tegrantes des...
do a Receita ...
Cr$ 325.834...
tos e vinte e ...
tocentos e tr...
e oitenta e d...
xando a Despe...
Cr$ 443.374...
centos e qua...
lhões, trezen...
quatro mil ... oit
cruzeiros), ... n
Cr$ 117.54... 00
e dezessete ... hõ
tos e quaren... mi
a ser coberta ... co
nanceira que ... Mu
autorizado a... lei
ber da União ... e

Artigo 2...
será realizad...
arrecadação ...
tras contribui...
de capital, na...
lação em vigo...
cações const...
II, de acordo...
desdobrame...

MENTO DO DESASTRE.

1000 – REC. CORRENTES	Cr$	Cr$
1100 - Receita Tributária	97.730.000,00	
1200 - Receita Patrimonial	552.000,00	
1300 - Receita Industrial	3.100.000,00	
1400 - Transferências Correntes	184.842.800,00	
1500 - Receitas Diversas	27.450.000,00	313.674.800,00
TOTAL DAS REC CORRENTES		313.674.800,00

2000 - RECEITAS DE CAPITAL		
2200 - Operações de Crédito		
2300 - Alienação de B. Móveis e Imóveis	551.000,00	
2500 - Transf. de Capital	11.608.282,00	12.159.282,00
TOTAL DAS REC.DE CAPITAL		12.159.282,00
TOTAL GERAL DA RECEITA		325.834.082,00

3000 - RECEITAS DAS ENT. DA ADMINISTRAÇÃO INDIRETA (excluídas as transferências da Fazenda Municipal)		
3100 - Dep. de Águas e Esgotos	94.180.000,00	
3200 - Fac. de Med. de Jundiaí	14.174.000,00	
3300 - Esc. Superior de Ed. Física	1.269.000,00	
TOTAL DAS REC. DAS ENTIDADES DA ADMINISTRAÇÃO INDIRETA		109.623.000,00
TOTAL GERAL DAS RECEITAS		435.457.082,00

Artigo 3.o – A despesa será realizada na forma do quadro analítico constante do Anexo II, conforme o seguinte desdobramento:

1 - DESPESA ORÇAMENTÁRIA POR FUNÇÕES DO GOVÊRNO:		
01 - Legislativa	9.860.000,00	
02 - Adm. e Planejamento	257.480.000,00	
06 - Defesa Nac. e Seg. Pública	6.791.000,00	
07 - Desenvolvimento Regional	11.000,00	
08 - Educação e Cultura	34.480.000,00	
10 - Habitação e Urbanismo	51.143.000,00	
11 - Indústria, Com. e Serviços	445.000,00	
13 - Saúde e Saneamento	22.089.082,00	
14 - Trabalho	750.000,00	
15 - Assistência e Previdência	35.972.000,00	
16 - Transportes	24.353.000,00	443.374.082,00
2 - DESPESA À CONTA DE RECURSOS DAS ENTIDADES DA ADM. INDIRETA)		109.623.000,00
TOTAL GERAL DAS DESPESAS		552.997.082,00

Artigo 4.o – Fica o Executivo autorizado a:

I – Efetuar operações por antecipação da Receita, até o limite de 25% (vinte e cinco por cento) da Receita estimada (artigo 67 da Constituição Federal).

II – Abrir créditos que se fizerem necessários, até o limite de 30% (trinta por cento) das Receitas Correntes suplementares às dotações das despesas.

Artigo 5.o – No decorrer do exercício, os recursos destinados aos programas e, sub-programas serão remanejados pela Secretaria das Finanças Municipais, mediante decreto do Executivo, até o limite de 30% (trinta por cento).

§ 1.o – As dotações destinadas a material de consumo, equipamentos e instalações material permanente e serviços de manutenção, assistência técnica, reparos e reforma de veículos, equipamentos, instalações e edificações municipais, poderão ser movimentadas e remanejadas pela Secretaria das Finanças Municipais, com vistas à formação de estoque, composição de lotes econômicos de compra, obtenção de condições contratuais vantajosas ou simplificação de procedimentos administrativos. (Lei Federal n.o 4.320/64 - artigo 5.o).

§ 2.o – No caso de combinação de várias dotações da mesma natureza para uma única operação de compra ou da contratação de serviços, os controles contábeis deverão evidenciar a distribuição de bens e serviços.

Artigo 6.o – Esta Lei entrará em vigor a partir de 1.o de janeiro de 1978, revogadas as disposições em contrário.

(PEDRO FÁVARO)
Prefeito Municipal

PUBLICADA E REGISTRADA NA SECRETARIA DE NEGÓCIOS INTERNOS E JURÍDICOS DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ, aos dias do mês de mil novecentos e sententa e sete.

(RENÊ FERRARI)
Secretário dos Negócios Internos e Jurídicos.

AS CARTAS

A Prefeitura pedindo dinheiro, dinheiro e dinheiro.

CARTA 1: PEDINDO O DINHEIRO DO PONTILHÃO

Excelentíssimo Senhor Governador:

Está em plena execução, no Município, plano de saneamento da bacia do Rio Jundiaí, envolvendo obras de grande envergadura e custo.

Para isso o Município obteve financiamento de grande vulto que lhe onera violentamente os orçamentos atual e futuros.

Dentro desse conjunto de obras, uma havia sido prevista: a demolição do pontilhão da FEPASA Ferrovia Paulista S.A., Esse pontilhão estrangula o Rio Jundiaí e não lhe permite uma vasão conveniente. Acrescente-se, ainda, que ele está em vias de ruir, apresentando trincas violentas em sua estrutura, para que sua demolição fosse possível, projetou-se e executou-se um novo trecho ferroviário e um pontilhão novo. Essas obras estão prontas, bastando que a FEPASA para elas transfira o tráfego de trens, possibilitando a demolição do pontilhão antigo e solução dos problemas da área.

Ocorre, porém, Senhor Governador, que o Município arcou com todas as despesas decorrentes da execução dessas obras e, paradoxalmente, não possuindo recursos próprios, apelou para empréstimos, possibilitando a sua realização. Entendemos que deva haver perfeita integração entre os diversos setores da Administração Pública colimando fins comuns, mas, no caso, de parte do Município, houve uma liberalidade inconcebível, pois arcou sozinho com despesas na realização de obras de interesse do Estado e, para isso, onerou recursos de hoje e de amanhã, comprometendo seriamente suas finanças e sua capacidade de atender às exigências de uma cidade em franco desenvolvimento. Para que se tenha idéia dessa liberalidade, diga-se que o valor das obras, calculado em abril de 1977, é de ..... Cr$ 36.781.478,48, que corresponde a pouco menos de 1/6 do orçamento do Município para 1.977.

Senhor Governador: comprometendo-nos, desde já, a aplicar inteiramente no Plano de Saneamento Básico do Município, os recursos decorrentes, vimos apelar à V. Exa. no sentido de determinar à FEPASA/Ferrovia Paulista S.A., da Secretaria dos Transportes, a reposição, nos cofres municipais, do valor correspondente a essas obras. Será uma homenagem ao bom senso, à justiça e, sobretudo, uma forma de ajudar Jundiaí a executar obras de importância vital ao seu povo, ao seu crescimento e à sua vocação de promover a grandeza do Estado e da Pátria.

Certos de que o preclaro Governador não hesitará em prestar tão valiosa colaboração ao Município de Jundiaí, antecipamos, em nome de nossa população, os nossos melhores agradecimentos.

Respeitosamente,

(Pedro Fávaro)
Prefeito Municipal

Anexo: – Relatório da Secretaria de Obras Públicas do Município.

CARTA 2: PEDINDO O DINHEIRO DA PONTE.

Excelentíssimo Senhor Governador:

No desenvolvimento das obras de pavimentação da antiga via de ligação São Paulo - Jundiaí - Campinas, o nosso Município prestou efetiva colaboração ao DER/Secretaria dos Transportes. Inclusive arcando com parte ponderável das despesas em nosso trecho.

Está sendo construído, em fase final de execução, uma ponte que complementa as demais obras, ponte essa sobre o Rio Jundiaí.

Ocorre, porém, que o custo dessa obra vem sendo totalmente pago pelo Município, custeado por recursos provindos de empréstimo obtido na Administração anterior.

A situação é, pois, anômala: o Município obtêm empréstimo para obras de saneamento, por não possuir recursos próprios e, paradoxalmente, vem pagando pela execução e uma obra que deveria ser feita pelo Departamento de Estradas de Rodagem. É certo que deve haver perfeita intengração entre os poderes do Município e do Estado para obtenção de um objetivo comum: no entanto, como se poderá verificar, o Município já havia dado a sua parcela de contribuição e a sua liberalidade só se justificaria se a situação financeira lhe pertisse, o que não ocorre.

Vimos, pois, apelar a V. Exa., no sentido de determinar ao DER que proceda ao ressarcimento, aos cofres do município de Jundiaí, das importâncias por este despendidas na construção da referida ponte, permitindo, assim, que os recursos obtidos sejam efetivamente aplicados no Plano Geral de Saneamento Básico da Bacia do Rio Jundiaí, em execução.

Certos da inteira anuência do preclaro Governador para o nosso pedido, antecipamos os nossos agradecimentos.

Saudações cordiais,

(Pedro Fávaro)
Prefeito Municipal

Anexo: – Relatório Técnico da Secretaria de Obras Públicas.

CARTA 3: PEDINDO DINHEIRO PARA O HOSPITAL.

No entanto, deparamo-nos com um quadro desalentador: O Hospital de Caridade "São Vicente de Paulo", sob administração do Município por força de comodato assinado, está em situação deplorável, com vultoso débito a roer-lhe as estruturas. Por manter inalterada a sua principal finalidade (assistência aos indigentes) ele é altamente deficitário. Esse deficit mais se avoluma porque, além de atender aos carentes de recursos do Município, o Hospital São Vicente de Paulo atende também aos de toda a Região: Cajamar, Várzea Paulista, Campo Limpo Paulista, Louveira, Itupeva, Jarinu, pois todos esses municípios dele se socorrem para o atendimento de seus necessitados não previdenciários.

E pois o Hospital de Caridade de São Vicente de Paulo uma entidade de características filantrópicas REGIONAL.

Procurando dar-lhe condições de sobrevivência, a Prefeitura, além de destinar-lhe subvenções seguidas, assina convênio com a Faculdade de Medicina de Jundiaí entregando-lhe a responsabilidade de operar o Hospital fazendo dele seu Hospital-Escola e possibilitando, assim, aos seus alunos, melhores condições de ensino médico.

Todavia, financeiramente, nem o Hospital, nem a Faculdade, nem a Prefeitura têm condições para suportar o ônus decorrente da situação em que se encontra o Nosocômio: situação típica de insolvência, com paralização imediata de funcionamento, só não determinada pela única razão já destacada: não se pode fechar um Hospital que é o único da Região que atende à população mais carente.

Só nos resta, nessas condições, fazer um especialíssimo apelo ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado: salve o Hospital de Caridade São Vicente de Paulo, destinando-lhe recursos que lhe possibilitem atravessar esta fase crucial de sua existência, toda ela vivida em função dos pobres. Estamos estimando esses recursos em Cr$ 20.000.000,00 e com eles faremos reviver o Hospital, revitalizando-o e preparando-o para novas e nobilíssimas atuações: a de ser o Hospital que ajudará a formar MÉDICOS PARA O BRASIL.

Excelentíssimo Senhor Governador:

O setor de Saúde Pública, também a nível municipal, deve ser prioritário. Assim, uma das metas básicas de nosso Governo é procurar dar à população o melhor atendimento médico - hospitalar possível.

Jundiaí e a Região lhes serão eternamente gratas, Senhor Governador.

Respeitosamente,

(Pedro Fávaro)
Prefeito Municipal

ESPECIAL
O DESASTRE DE JUNDIAÍ

NAS RUAS DA CIDADE, O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO

Lázaro: o prefeito não escondeu a verdade.

O orçamento deficitário está na Câmara Municipal, para a devida apreciação dos vereadores. Com essa missão, o Legislativo vive o seu apogeu anual, já que poucos são os assuntos que durante o ano conseguem atingir a mesma importância do orçamento do município.

Na Câmara, até a sessão de terça-feira passada, poucos eram os vereadores que tinham estudado detalhadamente a peça orçamentária, entregue na tarde do dia 30 de setembro pelo prefeito Pedro Fávaro ao vereador Lázaro de Almeida. Nas ruas da cidade, o povo simplesmente desconhecia a existência do orçamento e do déficit.

Lázaro de Almeida, o atual presidente da Câmara Municipal, logo na segunda-feira procurou se inteirar dos detalhes do orçamento e na terça-feira já possuia "um rascunho de idéia" sobre o assunto. Na sua sala, sentado ao lado da bandeira do Brasil, ele explicou que a atitude do prefeito Pedro Fávaro em não esconder a verdade, levando ao conhecimento da população a real situação financeira de Jundiaí é no mínimo digna de elogios.

– O prefeito foi honesto e corajoso – disse Lázaro de Almeida – e não procurou esconder a verdade da forma como o



Lázaro de Almeida.

ex-prefeito fez com o orçamento de 1977.

Na tentativa de comentar o orçamento de 1978, Lázaro de Almeida acabou comparando-o com o apresentado pelo ex-prefeito Ibis Cruz para o ano de 1977. E não escondeu a sua surpresa quanto as diferenças dos dois orçamentos, "um verdadeiro disparate".

– No orçamento de 1977, foi inserido no contexto um item relativo a vendas de imóveis, num total de Cr$ 8 milhões. Ocorre que as vendas não aconteceram, mas essa quantia serviu para equilibrar o orçamento.

Segundo Lázaro de Almeida, entre os imóveis relacionados para serem vendidos, estavam os prédios do Mercado Municipal e a sede do Corpo de Bombeiros, entre outros. "Sabemos que esses prédios não foram alienados; estão aí para qualquer um ver".

O fato de o prefeito Pedro Fávaro não ter se utilizado desse tipo de manobra para encobrir o déficit de 1978 merece aplausos, na opinião do vereador, que continuou sua análise do orçamento. Correndo o dedo sobre cada item do orçamento de 1977, ele comparava com o do próximo ano. "A alienação de imóveis de 77 resultaria numa transação de Cr$ 9 milhões, mas nesse ano Pedro Fávaro apenas colocou 551 mil cruzeiros, o que é a realidade".

Ironicamente, o presidente da Câmara disse que no orçamento feito pelo ex-prefeito para 1977, foram destinados Cr$ 10 mil para iluminação pública, Cr$ 5 mil para parques e jardins, Cr$ 30 mil para obras públicas em parques e jardins e Cr$ 55 mil cruzeiros para a Comissão Central de Esportes gastar com material de consumo e permanente. "Não é à toa que o orçamento deste ano estourou. O ex-prefeito subestimou a despesa e superestimou a receita. Agora, com a verdade, só poderia aparecer um grande déficit mesmo".

Para a Arena, há uma solução: mais ajuda.

O presidente do Diretório Municipal da Arena, Rubens de Luca, baseando-se no documento entregue pelo prefeito à Câmara, "e que deve refletir a realidade", afirmou que as suas considerações sobre o assunto se baseiam no déficit de Cr$ 117,5 milhões e no serviço da dívida, estimada em Cr$ 139 mil cruzeiros e que deverá aumentar progressivamente até 1982.

– Não acho que diante disso devamos cruzar os braços e esperar a falência do município. Existe uma lei federal que prevê a possibilidade de ocorrência de déficit orçamentário e que indica alternativas para o prefeito equilibrar a receita e a despesa. Assim, o município poderá recorrer a empréstimos, usar o superavit financeiro do exercício anterior ou pedir ajuda ao Estado e União.

Rubens elimina a hipótese de empréstimos, "inviável no momento", porque há uma impossibilidade de fato. "Não penso no impedimento legal", disse Rubens, "só porque ultrapassamos o limite de endividamento. Ocorre que em breve chegaríamos ao absurdo de ver o serviço da dívida superar a receita".

Como não existe superavit, Rubens de Luca acredita que a única opção é procurar os recursos do Estado e União, "um trabalho para a Arena". Enfaticamente, afirmou que o prefeito pode ficar sossegado: a Arena local não o deixará abandonado na missão de pleitear ajuda nas esferas superiores. "Afinal, já é hora de Jundiaí reivindicar à altura de sua importância dentro do contexto nacional".

NOSSA OPINIÃO

QUEM VAI PAGAR? O POVO, COMO SEMPRE.

A mensagem do Sr. Prefeito Municipal à Câmara dos Vereadores, apresentando a proposta orçamentária para o exercício de 1978, traz o reconhecimento oficial daquilo que nosso jornal vem repetindo desde sua fundação: que a economia do município está totalmente arrasada após a passagem catastrófica do governo Ibis Cruz.

O orçamento prevê, para o próximo ano, um déficit de Cr$ 117 milhões, devido ao brutal endividamento do município. Segundo as próprias palavras do Prefeito, este endividamento continuará gravando de forma violenta as nossas finanças, até o ano de 1995. Temos a louvar a atitude do Sr. Pedro Fávaro, apresentando com realismo a situação, ". . . ao invés de empregarmos artifícios inescrupulosos que não se coadunam com a nossa linha de governo: superestimar receita, subestimar despesas, prever receitas fictícias (venda de patrimônio), etc." – alusão evidente às práticas adotadas pela administração anterior, amplamente denunciadas pelo nosso jornal (veja-se, por exemplo, o artigo "Esta é a herança de Ibis. Prepare-se para pagá-la", publicado em nosso n.o 71, de 01.11.76).

A presente situação de insolvência de Jundiaí não constitui surpresa. Vem sendo prevista desde as primeiras notícias sobre os empréstimos fabulosos pretendidos pelo ex-prefeito Ibis Cruz para a construção do Sistema Viário. Mas todas as demonstrações que se fizeram, na época, sobre a inviabilidade econômica daqueles financiamentos, foram em vão. De nada valeram, também, as denúncias mil vezes repetidas de que tais empréstimos se destinavam a obras imorais, executadas a preços escandalosos pela empreiteira Andrade Gutierrez. Ignorando estensivamente todos os argumentos, os altos órgãos do governo federal e a bancada majoritária do Senado, agindo com velocidade inédita, aprovaram os financiamentos, garantindo assim os recursos desejados pela empreiteira poderosa.

Nosso jornal nunca se conformou com essa situação em que as vantagens da empresa privilegiada pairam acima do interesse público. Achamos que isso só acontece quando a decência já não consta no dicionário do político e do administrador. E, revoltados com a carga brutal das dívidas, lançada sobre a população jundiaiense, diversas vezes perguntamos: Quem vai pagar pela safadeza? Agora, na proposta orçamentária apresentada à Câmara, vem a resposta. O prefeito Pedro Fávaro pretende obter, junto ao governo federal, os fundos necessários para atender aos encargos da dívida insuportável que onera o município. Isto significa, para a nossa cidade, um certo alívio. Mas um alívio melancólico, pois os recursos federais são também dinheiro público. Com a solução proposta pelo Prefeito, o preço dos desmandos aqui praticados vai se distribuir por todo o infeliz povo brasileiro. Como soe acontecer.

A atitude do prefeito Pedro Fávaro em enviar à Câmara Municipal o orçamento para 1978, com um déficit de 118 milhões de cruzeiros, não chegou a causar muita estranheza entre a população. De um modo geral, os jundiaienses receberam a notícia – veiculada sem grande alarde pela Imprensa diária local – com certa frieza, contrariando os prognósticos do prefeito, que pretendia fazer Jundiaí voltar a ser manchete na grande Imprensa brasileira.

Numa rápida pesquisa no centro da cidade, em plena praça governador Pedro de Toledo, ficaram claras duas coisas: a população de um modo geral não sabe ao menos o que é orçamento; e apenas uns poucos tinham conhecimento do envio do orçamento deficitário à Câmara.

Qual seria a explicação para essa alienação do jundiaiense a respeito de um assunto de seu interesse, como membros ativos de uma comunidade? A resposta parece ser simples: depois de tantos anos sem participar das decisões, o jundiaiense está atualmente alienado. E o exemplo disso está nas respostas de alguns entrevistados, que demonstrando total apatia, diziam: "não sei de nada a respeito e mesmo que soubesse, nada adiantaria. Minha opinião não vai mudar nada".

Esse fenômeno que atinge grande parte dos jundiaienses pode ser levado a níveis nacionais, o que de certa forma os isenta de culpa, quanto ao fato de não saberem e não pretenderem saber o que se passa à sua volta. A gravidade do problema parece estar no fato de que o povo não está sendo esclarecido como devia.

A PESQUISA

Pelo desconhecimento de causa dos pesquisados, o trabalho de coleta de opiniões acabou sendo estafante. Antonio Carlos Ribeiro, 27 anos, bancário, não sabia que o orçamento era deficitário e muito menos que já estava na Câmara. Olhou para o repórter como se estivesse descobrindo uma grande novidade e perguntou: "Verdade? Conta logo essa história prá mim".

O operário Antonio de Souza Brinda, 34 anos, não lê jornais, porque fica quase que o dia todo na fábrica de tecidos onde trabalha. Ele também não sabia o que é orçamento, "mas estou a favor do prefeito".

Antonio Horário de Almeida Marques, 20 anos, 1.o ano de economia na Unicamp, estava mais esclarecido sobre o assunto, já que leu alguma coisa no **Jornal de 2a. Feira**. "Eu participei de uma palestra do prefeito no gabinete de leitura Rui Barbosa e lembro que ele já tinha dito que a situação do município não era boa, que o ICM estava comprometido até 1990". A preocupação de Horário era descobrir as causas do déficit municipal. Na sua opinião, "a gente vê nas ruas que a coisa não anda boa. Vivemos uma situação surrealista, absurda. Onde já se viu a gente ter uma dívida maior do que possa pagar?". Ele achou interesse o fato de que poucos sabem como essa dívida surgiu, "o que quer dizer que foi contraída a portas fechadas".

Teciano Ferrarezi, 33 anos, bancário, acha que não se pode criticar a atual administração pelo déficit. Mas elogiou a atitude do prefeito "que não escondeu a realidade. O povo tem que saber o que está se passando, senão podem ocorrer julgamentos precipitados".

Na opinião de Eduardo de Souza Filho, 33 anos, empreiteiro e delegado da Arena, "no atual sistema não se pode pensar em déficit". Ele acredita que existem recursos disponíveis e que podem ser conseguidos para superar o déficit, bastando para isso um esforço por parte do prefeito atual. "Afinal, Jundiaí não é a única cidade brasileira que está com problemas financeiros". Eduardo elogiou a coragem do prefeito em apresentar o déficit e disse ainda que faria a mesma coisa: "o povo deve saber das coisas e por isso eu não esconderia a verdade".

Quanto ao endividamento, especificamente, Eduardo de Souza afirmou que não se pode comparar a administração anterior com a atual, por que são dois estilos diferentes de governar. "O prefeito anterior imprimiu um desenvolvimento à cidade na base do custe o que custar e, infelizmente, tudo acabou no déficit atual".

Nascido em Jundiaí há 69 anos, Deolindo Del Prá ficou sabendo do déficit através dos jornais e achou o assunto "muito interessante". Para ele, as obras que resultaram no endividamento eram necessárias, mas houve um pouco de exagero. "Cada governo promete uma grande obra e a faz. No caso do Ibis Cruz, ele fez as avenidas e asfaltou a cidade. Agora cumpre ao prefeito Pedro Fávaro fazer a sua parte".

Geraldo Campos, 28 anos, economista, acha que essa história de déficit está mal contada. "Os empréstimos não vão onerar a Prefeitura, porque serão pagos em parcelas, durante quinze anos. Como poderíamos ter hoje essas belas avenidas e o asfalto sem dinheiro? Acho que dá prá pagar sim senhor. Se não desse, as autoridades federais não teriam autorizado a vinda dos recursos para Jundiaí". (S.H.)

CO-RIN-TIANS!

E o sino da catedral pode tocar

Se o sino da Catedral de Jundiaí começar a badalar na noite de domingo, não é preciso se assustar. O sacristão da Igreja, Pedro de Souza, o Pedrinho, vai tentar conseguir a permissão do padre para comemorar assim a vitória do seu time: o Coríntians.

"Eu estou preocupado com a Ponte Preta", diz ele, "mas tenho fé de que não vamos precisar de um terceiro jogo na quinta-feira, apesar de já termos perdido para a Ponte, três jogos deste campeonato". Corintians: uma *paixão?*

Pedrinho torce para o Corintians desde que nasceu, mas se lembra pouco da vitória de 54. Por isso quer muito que o time ganhe este ano. "O Corintians já tremeu antigamente — explica ele — mas hoje os tempos mudaram e ele não treme mais não".

Ele já acompanhou muito o Corintians em seus jogos, "fui até no Recife e em Porto Alegre no início do ano". Mas não é muito expansivo em suas comemorações: "quero ir à São Paulo, assistir aos jogos, voltar e dormir para trabalhar na manhã seguinte".

Não é por ser tímido que ele é pouco corintiano. Anda sempre com recortes de jornais que falam bem do Corintians e mal dos outros times, principalmente do Palmeiras e São Paulo, para brincar com os amigos. Mostra também o seu chaveiro, dos Gaviões da Fiel, e pede desculpas por ele já estar meio sujo e gasto.

E no domingo, ele sonha em ver seu time ganhar. Vai para o campo com o filho de 19 anos, que é corintiano também — "puxou o pai", e se sentar no meio da torcida. Quer voltar logo para Jundiaí, tocar o sino e ficar na calçada olhando as comemorações.



ZÉ

Nosso único campeão corintiano

O corintiano mais conhecido de Jundiaí é José Francisco da Silva, o Zézinho, da Foto Zezinho que tem seu estúdio na Rua do Rosário, 523. Quase todas as pessoas que passam no passeio em frente à sua loja, mexem com ele — "Como é, seu corintiano?".

Chega um amigo, entra, mas Zézinho já grita: "se você veio para falar mal do Corintians pode ir circulando, bicho". O telefone toca. Querem saber se vai haver uma excursão à São Paulo para o Jogo. Ele responde "os donos das empresas de ônibus são palmeirenses e são paulinos e não vão querer colocar ônibus para nós. Entra na loja um rapaz com um bilhete: "Zé, cuidado com a Ponte". Diz que foi o Netinho da papelaria que mandou. Ele xinga, mas logo se esquece do recado porque vai falar sobre seu **Timão**.

Só existe um time no mundo, o Corintians — diz ele — do resto é resto. Sou torcedor do Corintians desde 56 quando vim do Ceará. Sou um azarado também. Devia ter vindo em 54. Mas não tem importância não, este ano eu vou comemorar, e no domingo, porque não vamos precisar de um terceiro jogo.

E diz mais: "Se a bola não entrar, entro eu no campo e sopro, até ela bater na rede. "Quanto ao adversário ele não se preocupa: "estou muito tranquilo mesmo e graças a Deus não conheço nenhum torcedor da Ponte. Se conhecesse eu torcia o pescoço. E dou graças a Deus também porque os palmeirenses e são paulinos vão torcer contra o Corintians, se eles torçem a favor dão o maior azar.

Zézinho continua:

Minha maior bronca são os palmeirenses. Domingo passado nem fui à São Paulo. Fiquei aqui, organizando uma passeata para humilhá-los. Palmeirenses sofre duas vezes, quando o Palmeiras perde e quando o Corintians ganha.

— Por isso, agora quero me vingar. Quando meu Timão perde, o telefone de casa toca a madrugada inteira, e durante o dia os carros param em frente à minha loja, buzinam e perguntam "quanto foi o jogo ontem?".

— Domingo, nem vou para São Paulo assistir o segundo e último jogo do Corintians. Vou ficar aqui preparando uma bela festa com baterias e escolas de samba. E vou procurar um por um. Só para me vingar.

Este ano, ele se entusiasmou com o time. Foi para o Recife, Rio e Porto Alegre. "Não sou um torcedor de rádio e de televisão. Sou torcedor de campo. Enfrento tudo, até pauladas e pedradas como aconteceu em Porto Alegre", cidade que ele detesta. Para mim, tudo é ruim naquela cidade, não posso ver nenhum gaúcho pela frente.



MILANI

Mais paixão é impossível

Mas há um jundiaiense que talvez tenha mais razões para torcer e vibrar pelo Corintians: é Mário Milani, o centro avante, camisa n.o 9 do tim de 1941 a 1948.

Mário começou a jogar aos 14 anos, escondido do pai, no Clube Atlético Comercial, "na época em que o futebol em Jundiaí era mais movimentado, mais comentado", mas quando as dificuldades eram as mesmas, como ele fala: "ninguém ajudava, tinhamos que comprar material e tudo mais".

Mais tarde ele foi para o São Paulo Futebol Clube, já como profissional, e depois para o Fluminense (quando ficou campeão carioca) e, finalmente, contratado pelo Corintians, onde obteve vários títulos como "Artilheiro Máximo do Campeonato Paulista", em 41 e 42. Ainda nesses mesmos anos, Mário defendeu as seleções paulistas, saindo como melhor artilheiro do Brasil.

Mas e esse fenômeno corintiano, essa paixão de tantos? Mário também não consegue explicar:

"Já naqueles tempos era assim. O jogo São Paulo x Corintians de 1942 (3x3) obteve o maior recorde de público no Pacaembu, até hoje não superado: 72 mil pessoas".

Para Mário é sensível a diferença entre os corintianos e os outros torcedores:

"O corintiano tem mais amor, mais simpatia. Outros times perdem alguns jogos e o torcedor — tchau! Mas não dá para explicar essa febre".

Em 1949, quando Mário foi para o Juventus jogar e, posteriormente torna-se técnico, houve um incidente: ele sofreu uma fratura de crânio ficou impossibilitado de jogar.

A partir daí Mário trabalhou durante 12 anos como Diretor da Fazenda da Prefeitura de Jundiaí, aposentou-se, e agora está nesse mesmo cargo na Prefeitura de Itupeva (já há 10 anos),

Com o dinheiro ganho no futebol ele conseguiu construir uma casa. Agora ele continua vibrando como espectador: lendo os jornais, assistindo os jogos pela televisão. E não é difícil perceber sua empolgação quando começa a falar do Timão, mesmo na época em que o Rivelino jogava, mas só que "era sozinho, não tinha companheiros".

E uma coisa ele garantia na semana passada:

"Apesar desses 23 anos sem ganhar, agora, junto com o Palmeiras, ele será o time que maior número de campeonatos conquistou. O Corintians estava só esperando os outros chegarem — é o melhor quadro do Brasil"

Hertane de Campos

ÓTICA MODERNA



Se a lente dos seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.

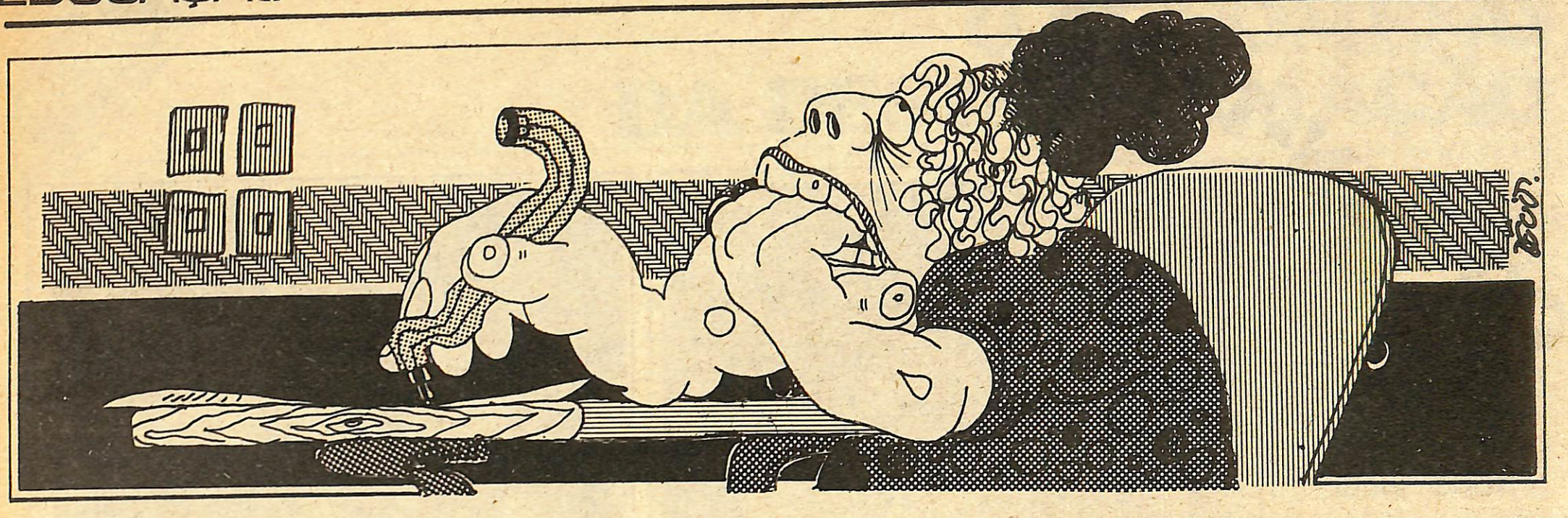
Fones: 434 - 7363 — 434 - 4351
Rua Barão de Jundiaí, 1012
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

FOTOCOPIADORA
MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 — Tel. 436 - 8460



ESCREVER, O ATO ESQUECIDO.

A REDAÇÃO, DEPOIS DE MUITO TEMPO, ESTÁ DE VOLTA NOS VESTIBULARES. E A MAIORIA DOS ESTUDANTES NÃO SABE ESCREVER.

Os candidatos aos cursos das Escolas Padre Anchieta, e da Faculdade de Medicina de Jundiaí terão uma novidade, não muito agradável para a maioria, nos vestibulares para o ano que vem: redação. O ato de escrever, relegado ao ostracismo desde o advento dos chamados testes de escolha múltipla, está de volta.

A repórter Berenice Guimarães, do J 2a., ouviu dois professores de Português sobre esse retorno. Ambos concordaram que a prova de redação, a curto prazo, não vai aumentar o interesse — e a capacidade — dos estudantes que se preparam para ingressar na universidade. Se houver algum resultado positivo, será a longo prazo.

Nesta reportagem, falam os dois professores e são mostradas as escolas superiores que existem na cidade. Além disso, os caminhos que os estudantes têm para chegar a elas: os cursinhos, os cursos de 2.o grau, os testes vocacionais e um pouco da história de Manoel, o aluno da Escola de Educação Física que foi impedido de fazer sua matrícula depois de ter passado pelo vestibular.

Pela primeira vez no vestibular das Faculdades Padre Anchieta e Medicina, os candidatos vão fazer uma redação. O **Jornal de 2a.** ouviu um professor de português de um cursinho, que não quis se identificar, e o prof. Newton Balzan, professor de pós-graduação da Unicamp. A opinião do primeiro:

"Não acredito na importância da redação num exame de vestibular, porque não é com seis textos que o aluno escreve durante o ano que ele vai aprender a redigir. E tem mais, não se pode ensinar redação. Não existe um manual que preste. O aluno só assimila alguma coisa se ele possui pré-requisitos ou seja, se vive em um meio culturalmente bom, lê e reflete muito. Por isso, o maior problema da redação não é a grafia e sim seu conteúdo que é fraco, medíocre e padronizado.

"Meu conselho para quem quer aprender a redigir é ler ou mesmo dialogar com quem sabe mais. Mas a aprendizagem vai depender do meio em que o aluno vive. E aí é que está o problema. Como escrever bem numa sociedade que nega o valor da redação? Nega o escritor não pagando seus direitos autorais? O problema da má redação está, essencialmente no baixo nível do meio cultural em que vivemos".

Para o prof. Newton Balzan, a redação no vestibular não vai resolver nada. É mais um modismo de nosso sistema escolar. Seu depoimento:

"Um professor de Linguística da Unicamp, fez uma pesquisa entre milhares de provas de português, escolheu ao acaso 60 delas e estudou-as. Concluiu que 50 destas redações apresentavam uma uniformidade impressionante que não podia ser cópia. Logo, a conclusão é que os alunos, nos cursinhos, são treinados a redigir. Não aprendem nada porque não há modificação de comportamento nem de atitude de ninguém.

"A única vantagem da redação no vestibular talvez possa vir a longo prazo. Seria a de influenciar o 1.o e o 2.o graus para que se levasse mais a sério a redação.

"Mas hoje, os alunos estão sendo imbecilizados pelo livro didático. Existem livros de filosofia, com palavras cruzadas e até um livro para professores universitários onde as autoras dizem: "não se preocupe, você não vai ler um livro", como se a leitura fosse a pior coisa do mundo.

"Não que eu seja contra a arte gráfica mas o que anda acontecendo é que a beleza gráfica do livro está sendo um fim em si mesma. As pessoas não pensam mais, logo não falam e escrevem menos ainda. A TV é culpada, em parte, mas virou o bode expiatório. É claro que ela veicula cretinice em alta dose, mas culpar só a TV, seria atribuir a ela uma importância maior do que ela possui. Mais grave que o problema de linguagem que ela produz, é que ela desumaniza o homem, insensibiliza as pessoas que passam a achar natural a desgraça, a exploração, a violência.

"A leitura é um hábito e o livro ainda não chegou em nossas salas de aula. A transmissão oral é própria da aldeia tribal. A imprensa foi inventada há seculos e nossas aulas são orais expositivas. Estamos 400 anos atrasados".

AS ESCOLAS

ANCHIETA

Dia 18 de janeiro, às 20 horas, os candidatos às 800 vagas das Faculdades Padre Anchieta, vão fazer uma redação, que entra pela primeira vez no vestibular da escola, ao lado das provas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, no mesmo dia e horário; História, dia 19, às 20 horas; Geografia e Organização Social e Política do Brasil, dia 20, às 20 horas e Matemática e Ciências Físicas e Biológicas, dia 21, às 14 horas.

As inscrições para o vestibular que já estão abertas, vão até o dia 16 de janeiro de 78 e a taxa é de Cr$ 335,00. A Anchieta mantém quatro faculdades com os seguintes cursos: Ciências Econômicas (100 vagas), Ciências Contábeis (100 vagas) e Administração (100 vagas); Pedagogia (100 vagas); Direito (200 vagas); Ciências (100 vagas) e Letras (100 vagas).

O mais procurado é o de Administração com uma média de 3 candidatos por vaga, depois Direito e Economia, com 1,5 candidato por vaga e Ciências Contábeis e Letras com um candidato para cada vaga. Pedagogia e Ciências têm mais vagas do que candidatos e, geralmente, abre-se um segundo concurso vestibular.

Para o secretário da Faculdade Padre Anchieta, Altavir Vergilio, 98% dos alunos da escola são de Jundiaí e a maioria não faz cursinho para entrar na Faculdade. "Nosso vestibular é classificatório, não se exigindo média mínima ou máxima e a concorrência não é tão grande assim. As provas são a nível de 2.o grau. O cursinho é necessário para pessoas que tentam entrar em escolas federais e estaduais, onde o número de vagas é menor que o número de candidatos".

Os cursos das Faculdades Padre Anchieta funcionam no horário vespertino e noturno e, neste ano, o curso mais caro foi o de Ciências, com a anuidade de Cr$ 6.926,00 e os mais baratos os da Faculdade de Ciências Econômicas custando Cr$ 5.644,00. Os preços dos outros cursos são: Pedagogia, Cr$ 5.722,00; Direito, Cr$ 5.897,00 e Letras, Cr$ 6.556,00.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Se você quiser ser professor de Educação Física ou Técnico Esportivo, dentro de três anos, pode fazer o vestibular da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, que funciona na rua Rodrigo Soares de Oliveira, s/n., e tem 120 vagas que nunca foram preenchidas. Assim, você não tirando zero, passa no vestibular. Tendo vaga, você entra.

Os vestibulares ainda não foram marcados porque a Escola depende de uma Portaria do Conselho Estadual de Educação mas as provas serão: primeiro, um exame médico para se conhecer as condições físicas do candidato, depois, provas práticas de atletismo, ginástica, handball, volei e basquete. Para estes exames você não precisa ser um atleta profissional, precisa apenas ter "queda" para esporte.

Depois de ser aprovado nestes exames é que você vai fazer as provas escritas, que no ano passado foram Comunicação e Expressão, Inglês, Ciências Físicas e Biológicas e Estudos Sociais. E a taxa para o vestibular é um pouco mais cara que a das outras escolas, por causa dos exames específicos que são exigidos. Ano passado foi de Cr$ 319,00.

Mas se você pensa que estudando Educação Física, vai ficar só praticando esportes está muito enganado. Os alunos da ESEFJ, tem aulas de Anatomia na Faculdade de Medicina, Socorros Urgentes, com estágio no Pronto Socorro e no Hospital São Vicente, além de Cinesiologia (estudo dos movimentos), Fisiologia, Biologia, Biometria e Higiene.

Este ano 72 alunos entraram na Escola de Educação Física mas, para o secretário da escola Irineu Bullizani, este número vai aumentar principalmente com alunos de fora, porque no dia 23 de agosto a escola foi reconhecida pelo Conselho Federal de Educação.

E fala também do enorme campo de trabalho que existe para quem se forma em Educação Física: "o aluno que termina o curso não precisa se restringir e dar aulas em colégios. Seu campo de atualização dependerá de sua criatividade. Ele pode ser técnico de clubes, montar uma escola de educação física para crianças, ou um centro de manutenção para executivos, dar aulas de ginástica para gestantes e para a correção de defeitos.

O curso da Escola Superior de Educação Física de Jundiaí tem a duração de três anos, com aulas diárias das 19 às 23 horas e a anuidade, este ano, foi de Cr$ 6.380,00, dividida em 10 parcelas pagas de fevereiro a novembro.

MEDICINA

As inscrições para o vestibular da Faculdade de Medicina de Jundiaí deverão ser abertas na 2a. quinzena de outubro e encerradas na 1a. dezena de novembro. "Mas todas as informações sobre vestibular serão confirmadas através de um comunicado da Fundação Carlos Chagas que vai realizar os exames", adverte o secretário Oswaldo Fehr.

Em princípio, as inscrições e as provas serão realizadas em Jundiaí e em São Paulo e a taxa de inscrição será de Cr$ 321,00. A redação vai entrar pela primeira vez no vestibular da Medicina de Jundiaí.

A escola tem 61 vagas que são preenchidas em sua maioria por candidatos de fora da cidade, principalmente de São Paulo e de Campinas e para o secretário, "é uma pena que a escola seja paga. É por este motivo que não temos alunos de Jundiaí. Eles são muito bem preparados e preferem as escolas não pagas".

A anuidade, este ano, foi de . . . . . Cr$ 15.196,00 e o aumento para 78 deve ser por volta de 35%

Em Jundiaí, a moda dos cursinhos ainda não chegou.

Enquanto em outras cidades os cursinhos preparatórios para os exames vestibulares aumentam dia a dia, em Jundiaí existem apenas dois.

A moda dos cursinhos ainda não chegou à Jundiaí. Existem na cidade apenas dois: o da Fisk, que começou em setembro, com aulas aos sábados das 13 às 18 horas e aos domingos, das 8 às 12 horas e funciona na Rua Barão de Jundiaí, 311 e o Mac-Poli que começou em março e tem aulas diárias das 19 às 23 horas e funciona na rua Rangel Pestana, 472.

Os dois cursinhos são apostilados e segundo seus diretores, quem quiser estudar ainda tem tempo, porque, o aluno recebe todas as apostilas e com boa vontade pode acompanhar o ritmo do curso.

O cursinho da Fisk, começou há 3 anos, e prepara candidatos somente para as Faculdades Padre Anchieta. Tem a duração de 6 meses, com aulas somente nos fins de semana mas, pouco antes dos exames, há aulas todas as noites.

O diretor do curso, Nabil Salem diz que "não garantimos a ninguém uma vaga na Faculdade, garantimos dar o programa inteiro para o vestibular do Anchieta. "E continua, "o ambiente de nosso curso é muito bem selecionado. Não temos muita mistura de níveis, a maioria dos alunos é da classe média alta e mais, não permitimos que o professor use palavrões durante as aulas e nem que ele falte".

Se você quiser estudar na Fisk vai pagar Cr$ 1.575,00 que inclui as aulas, as apostilas, que são distribuídas no início do curso e carteirinha escolar. E vai estudar: Física, Química, Matemática, Biologia, Educação Moral e Cívica, Português, História e Geografia.

O Mac-Poli é uma filial de Campinas e seus diretores são Sodário Pinto de Faria e seu filho, Tabarany Gustavo de Faria. Existe o curso de 1 ano, que começou em março, e que tem as seguintes modalidades de pagamento: "Cr$ 589,00 em 11 meses; Cr$ 551,00 em 12 meses; Cr$ 509,00 em 13 meses; . . . . . Cr$ 475,00 em 14 meses e Cr$ 442,00 em 15 meses. O curso de 6 meses, começou dia 16 de agosto e pode ser pago em seis meses com prestação de Cr$ 620,00 ou em 7 meses a Cr$ 535,00 por mês.

No Mac-Poli os alunos estudam: Estudos Sociais (História do Brasil, Geografia do Brasil e História Geral), Química, Física (Mecânica e Eletricidade), Matemática, Biologia, Língua e Literatura Brasileira e Inglês. O curso mantém, um plantão de todas as matérias quando, uma vez por semana, durante a tarde, os professores ficam à disposição dos alunos.

A partir do dia 12 de dezembro o Mac-Poli inicia seu curso intensivo, que é uma revisão de toda a matéria dada e é grátis. Pode ser feito até por quem não é aluno do cursinho.



Na Fisk, preparo para o Anchieta.



Em dezembro, o intensivo da Mac-Poli.

O BOM ALUNO MANOEL

No vestibular do ano passado, a Escola de Educação Física de Jundiaí enfrentou um problema. O primeiro aluno que se inscreveu para o concurso do vestibular, Manoel da Silva Pardo Jr., teve paralisia infantil e apresentava um defeito em sua perna esquerda.

Depois de fazer o exame médico, os exames práticos e escritos foi aprovado mas, quando foi fazer sua matrícula, dia 17 de janeiro, recebeu uma comunicação de que não poderia matricular-se na escola em razão do parecer negativo dado pela comissão especialmente constituída para apurar suas condições.

No dia seguinte, Manoel procurou os advogados Otto e Elliot Bittencourt que impetraram um mandato de segurança para que ele pudesse se matricular e começar o seu curso até que seu caso fosse resolvido na Justiça.

Hoje, quase um ano depois, Manoel vai muito bem na escola "onde tenho o apoio e o incentivo dos colegas, professores e diretores que me tratam como um aluno normal. E, finalmente, consigo realizar o meu sonho de criança: ser professor de educação física. Já escolhi minha área de especialização. Quero ser técnico de vôlei".

O processo de Manoel ainda não foi julgado, mas ele continua confiante. O vice-diretor da Escola de Educação Física, professor Brasil Campos Júnior diz que ainda não tem condições de falar nada sobre o aproveitamento de Manoel porque "o sistema de notas da Faculdade é anual e ainda não foram entregues à secretaria. Mas, em termos de adaptação e de relacionamento ele vai muito bem. "Acredito que Manoel se auto-superou, ele pode até enfrentar alguns problemas mas não comenta nada com ninguém.



Manoel: "sonho de criança".

O FRÁGIL 2º GRAU DOS CANDIDATOS

Atualmente, o ensino de 2.o grau, pode ser feito em três modalidades diferentes: o curso regular, que é profissionalizante e é feito em três anos. O curso supletivo – modalidade suplência que é feito em 1 ano e meio, mas tem duas exigências: idade mínima de 19 anos e pelo menos dois anos de trabalho. E o supletivo, antigo madureza, onde o aluno faz exames eliminando uma matéria de cada vez.

E quanto chega a hora do vestibular, existem vantagens e desvantagens em todos eles. Para quem faz o profissionalizante, a desvantagem maior é que não se estuda as matérias exigidas nos exames vestibulares. "Quem não fizer cursinho, não consegue passar no vestibular", diz Rebeca Matias Caetano de Melo que estuda no Instituto e quer fazer exame para Comunicação.

Os supervisores pedagógicos, Sonia Maria Lopes Neto e Paulo Mongelli explicam: "o 2.o grau é formativo e informativo e a reforma de ensino que criou o 2.o grau profissionalizante é uma lei nacional, para todo o Brasil. São Paulo possui uma realidade diferente, muitos querem e podem continuar os estudos. Não é como em outras regiões onde não existem escolas superiores. Daí a vantagem de se formar técnicos. O objetivo do 2.o grau é formar e profissionalizar o aluno. Mas não há impedimento para que ele prossiga os estudos".

Parece que a vantagem maior no vestibular leva quem fez o Supletivo seriado, onde o aluno frequenta normalmente a escola, e faz um ano em um semestre. Mas só pode matricular no supletivo seriado quem tem pelo menos 19 anos e registro na Carteira Profissional de pelo menos 2 anos de trabalho.

Osmar Rezzaghi, dono da Imobiliária Lider fez o supletivo seriado e entrou na Faculdade de Direito Padre Anchieta "sem nenhuma dificuldade, porque todas as matérias que eu estudei foram as que caíram no exame e a maioria dos meus colegas também passou no vestibular".

Alguns alunos do 3.o semestre do supletivo do Anchieta gostam muito do curso e a maioria vai prestar exame para o vestibular de 78. "Depois de ter parado de estudar 27 anos vou realizar o meu sonho" diz Yara Ruthr Farah, que já tem dois netos, "vou fazer psicologia e acredito que passo no vestibular.

A idade média do supletivo é de 25 anos e para Alírio Bilória, a presença diária, as provas, a chamada não são fatores negativos. "Quando a gente começa a ver pessoas mais velhas estudando com vontade, fica mais animado. É um incentivo".

Apesar de ser dado na metade do tempo do curso regular, Edson Galiotti não vê nisso uma desvantagem. "O objetivo deste curso é ganhar tempo e tentar alcançar a faculdade. Ele nos dá as coordenadas e a partir do essencial nós nos aprofundamos no que queremos estudar mais".

A outra modalidade do supletivo, o antigo madureza, tem suas vantagens e desvantagens. Para a professora de Física, Química e Biologia das Escolas Romag, Maria Elizabeth Darbello, ele oferece maior mobilidade para o aluno. "Nosso curso é dividido em etapas e é apostilado, de modo que os alunos que têm muitos compromissos, estudando um pouco mais, podem acompanhar bem o curso e em um ano, eliminar todas as matérias".

"A maioria dos nossos alunos faz o curso porque precisa de um certificado de conclusão do 2.o grau. Só a minoria, talvez uns 10% pensa em fazer o vestibular. Mas a maior vantagem do nosso supletivo é que o aluno pode recuperar o tempo perdido".

A DIFICIL ESCOLHA DA PROFISSÃO

"O teste de orientação vocacional, apesar de muito pouco procurado, é fundamental para que o indivíduo possa fazer uma opção consciente" – Carmen Mortensen Marques Filha. "O teste é importante para quem tem dúvidas a respeito de qual profissão deverá seguir mas, é importante também para as pessoas que não tem dúvidas, para que elas possam se conhecer melhor" – Silvia Lucia Bigoni de Santis.

Em Jundiaí, existem duas clínicas que oferecem serviços de orientação vocacional: o Centro de Psicologia e Fonoaudiologia que funciona na Av. Jundiaí, 741 onde os testes são feitos em 5 sessões de três horas e custa . . . . Cr$ 1.000,00 e o Instituto de Psicologia, Fonoaudiologia e Reeducação, na rua Barão de Jundiaí, 267, que cobra . . . . . Cr$ 1.500,00 pelas seis sessões de uma hora.

A procura da orientação vocacional ocorre no momento em que o adolescente sente a necessidade de fazer uma opção. Há algum tempo atrás, a escolha tinha que ser feita na época do vestibular. Atualmente, com 14 ou 15 anos há necessidade de opção porque no 2.o grau os cursos são profissionalizantes.

O teste vocacional dá ao adolescente uma orientação global não só em termos de aptidão Checa a inteligência os interesses e as aptidões além da personalidade do indivíduo. E mostra a ele seu campo de trabalho. "Muitas vezes um adolescente que gosta muito de matemática resolve fazer análise de sistema, uma profissão nova, com um bom campo de trabalho porque sente que a engenharia já está saturada. Mas, se ele tem uma personalidade comunicativa e vibrante, não vai se adaptar porque o ambiente de trabalho do analista, é uma sala fechada. Nós mostramos a ele todos estes aspectos da profissão", explica a psicóloga Carmen Montensen.

A psicóloga Silvia Bigoni acrescenta: "o teste vocacional fornece dados, tendências, interesses, aptidões e característica da personalidade do entrevistado. Há também um esclarecimento em torno das profissões, o adolescente deve entrevistar profissionais, visitar seu local de trabalho. Seria bem melhor se o teste fosse realizado em grupo. Sairia mais barato e teria um número maior de dados, fornecido pelos próprios adolescentes".

A importância da orientação vocacional é defendida pela psicóloga Carmen Mortensen que diz: "quando se escolhe uma profissão, estamos escolhendo a nossa vida, pois passamos a maior parte do dia no trabalho. Assim, os problemas de não adaptação no ambiente profissional, vão refletir fora, principalmente sobre a família".

JORNAL DO LIVRO

Mário Marinho

Muitos lançamentos infantis. Será por causa do Natal?

O fim do ano (proximidade do Natal?) rico em lançamentos infantis. Nos próximos dias, Vivina Assis Viana deverá lançar em São Paulo o seu "O dia de ver meu pai", da editora Comunicação.

O livro, que já foi lançado em Belo Horizonte, conta a história de um garoto, filho de pais desquitados, que tem um dia determinado (pelo juiz) de ver o pai. Ele não entende isso: por que um dia para ver o pai, por que não todos os dias, quem é esse juiz?

O lançamento de "O dia de ver meu pai" será na livraria Cultura e servirá também para o lançamento paulista de "O menino e o pinto do menino", do também mineiro Vander Pirolli, da mesma editora Comunicação.

Na semana passada, comemorando a inauguração da livraria Escrita, foi lançado o primeiro livro do jornalista Gilberto Mansur, "Asa curta", a história de um pássado de asa curta, que, por isso, não pode, voar, mas usa imaginação para, finalmente, conseguir voar.

Mais um infantil: Luís Fernando Emediato, mineiro, contumaz vencedor de concursos literários, lança também neste fim de ano seu livro de histórias "Eu vi mamãe nascer", título escolhido por Vander Pirolli.

Ainda na área das crianças, Ignácio Loyola Brandão já tem pronto "Cães danado". E Vivina de Assis Viana já entregou à Editora Vertente os originais de "Rei dos Cacos".

Deixando de lado as crianças, já está nas bancas, em formato de bolso e em segunda edição, "A prisão", excelente trabalho do jornalista Percival de Souza, contando, de uma forma bastante humana, a vida dos seis mil e poucos presos da Casa de Detenção, de São Paulo. São histórias incríveis do triste mundo dos presos.

Também em formato de bolso e pela mesma editora, a Alfa-Omega, será lançado nas próximas semanas o livro "A Ilha", de Fernando Morais. Neste livro,



Fernando Morais conta sua visita a Cuba e mostra a vida do povo cubano sob o regime de Fidel Castro.

Júlio Cesar Monteiro Martins, 22 anos, escritor lançado recentemente pela Codecri, termina agora seu primeiro livro que será editado pela Atica, São Paulo: "Torpalium", definido assim pelo escritor? " – É um grande sedativo, fictício, é claro, como librium, valium, somalium etc. Só que bem maior, mais abrangente, que não é ingerido apenas pela boca, mas pelos olhos, ouvidos, narizes, durante o tempo todo".

A Editora José Bushatsky lançando, de sua "Coleção Jurídica", "Concessões de Explorações de Petróleo e Arbitragens Internacionais", de Guido Fernando Silva Soares. Da mesma coleção, José Bushatsky anuncia "Embargos do Devedor", de Antônio C. Mariz Oliveira; "O Renascer do Direito", de Dalmo de Abreu Dallari; "Da Responsabilidade Civil no Pré-Contrato de Casamento", de Georgette Nacarato Nazo e "Contrato de Risco", um estudo do professor Luís Olavo Baptista.

"Flecha e Repouso", lançamento da Ática, é o novo trabalho do mineiro Manoel Lobato o único escritor brasileiro premiado pela Fundación Givré, de Buenos Aires, durante a comemoração dos 78 anos de Jorge Luís Borges. Manoel Lobato já foi vagabundo, cronista social, advogado, promotor e atualmente é farmacêutico – além de contista, é claro.

Pela Coleção Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio, acaba de aparecer o segundo volume das memórias de Cândido Mota Filho, sob o título geral de "Dias lidos e vividos". Com prefácio de Josué Montello, o volume reúne lembranças de homens e acontecimentos de 1903 a 1966. O autor morreu em fevereiro do corrente ano.

Com prefácio de Josué Guimarães, está nas livrarias "O pensamento político de Érico Veríssimo", das Edições Graal. Trata-se de tese de mestrado de Daniel Fresnot, na Universidade de Paris.

No palco, violas e múmia.

"A Maldição da Múmia" poderia ser o título de uma história de terror de algum filme ou revista. Mas é o nome da peça que o Grupo Teatral Florismar, de Jundiaí, deve apresentar na cidade na próxima semana, depois de ter percorrido cidades do interior do Estado durante um ano.

A peça não é como as outras que têm vindo à cidade. Ela já começa diferente, com um show de músicas de viola. Depois vem o trabalho teatral. Nesta peça atuam o seu autor, Florismar (foto), e Steffani Santini, Deise Falsk, Miriany Saltt, Jopeas, Josuah Cordesk e Lilian Magalhães.

Florismar, que na realidade chama-se Israel Delfini, é o único que se dedica inteiramente ao grupo, os demais trabalham durante a semana e são atores aos sábados e domingos. "A Maldição da Múmia" envolve uma briga de fazendeiros. Um deles é morto e embalsamado, voltando para se vingar. Florismar tem uma nova peça para ser montada, mas está precisando de mais atores, que podem procurá-lo em sua casa, na rua E, 221 – Vila Aparecida, ou pelo telefone: 436.3722 (recado).

PUFS!

Zarteu e Décio

Mulheres nuas, um búfalo branco e o grande Laurence Olivier.





Bronson luta contra um búfalo branco. A senhora Chico Buarque (Marieta Severo) em entreveros eróticos com Maria Lúcia Dahl. É a semana no cinema.

Senhoras e senhorinhas grã-finas e semi-despidas sendo seduzidas (ou estão seduzindo?) por um rude jardineiro, um terrível nazista cometendo crueldades inomináveis, um búfalo biônico de três metros de altura enfrentando o não menos potente Charles Bronson: a semana cinematográfica em Jundiaí está prometendo toda essa enxurrada de emoções. Vamos por partes:

Gente Fina é Outra Coisa: é a pornochanchada mais famosa do momento, porque houve quem quisesse envolvê-la de alguma forma no caso do assassinato de Cláudia Lessin Rodrigues, aquela moça do Rio que foi morta numa orgia de drogas no apartamento do **bon-vivant** Michel Frank. Explica-se: o filme teria sido produzido por Egon Frank, pai de Michel, industrial suíço que às vezes investe dinheiro em cinema. E ainda por cima, entre as moçoilas semi-despidas do filme, está Márcia Rodrigues, a ex-garota de Ipanema, irmã da falecida Cláudia.

Houve desmentidos categóricos dos produtores quanto ao envolvimento de Egon Frank no financiamento do filme, mas não houve quem conseguisse desmentir seu baixo nível. Trata-se da história de Tadeu, (Ney Sant'Anna) rude imigrante nordestino que se emprega como jardineiro e chofer em casas de grã-finos cariocas. As patroas, bem alimentadas, bem vestidas, são muito charmosas. É como tal, muito tentadoras.

Evidentemente, não se faz necessária muita perspicácia para adivinhar o que acontece. Então, vamos logo ao que interessa: as panterinhas e dondocas são Kátia D'Angelo, Marieta Severo (mulher de Chico Buarque), Maria Lúcia Dahl, Selma Egrei, Márcia Rodrigues e Louise Cardoso. Trata-se de um plantel de primeira categoria, sob o ponto de vista estético.

No que diz respeito ao cinema, nada a declarar. O único sujeito que acredita e defende o filme sob esse ponto de vista, é seu diretor, Antonio Calmon, que se saiu com essa: "O que está se fazendo atualmente é um cinema estatal, baseado em fatos históricos ou adaptações literárias. Meu filme rompe com tudo isso: é cínico, irreverente e, apesar de comédia, zangado. É extremamente urbano. Mostra como à gente fina se permite tudo, impunemente, ficando para a classe média o moralismo que eles pregam". É isso aí. **Do dia 15 ao dia 20, no cine Marabá.**

Maratona da Morte: é um filme com o velho e nunca assaz louvado astro inglês Laurence Olivier. Isso já é uma credencial séria. O filme é adaptado de uma novela de William Goldman, e narra a trajetória de um criminoso nazista (ele, Olivier, numa grande interpretação) cujas ações não terminaram com o fim da guerra e dos campos de concentração e que, aparentemente, se compraz em perseguir, aterrorizar e torturar um jovem recém-saído da Universidade de Columbia. O jovem é Dustin Hoffman. Segundo o crítico do **New York Times**, Vicent Cauby, é "um filme que não tem qualquer idéia importante; pretende apenas aterrorizar a platéia, e consegue". No fim do filme, segundo, os espectadores ficam "confortavelmente exaustos". O diretor é John Schelesinger (de "Midnight Cowboy") e no elenco estão também Roy Scheider (de "Tubarão"), William Devane e Marthe Keller. Atenção nessa Marthe Keller: os críticos estão dizendo que ela será uma grande estrela. Quanto a Olivier, os críticos já não conseguem achar superlativos: ele é grande. **Do dia 21 ao dia 23 no Cine Marabá.**

O Grande Búfalo Branco: em um canto do ringue, um búfalo biônico de 3 metros de altura, cujo peito se expande e contrai que resfolega e cujo rabo se mexe por controle remoto (e que custou alguns bons dólares a Dino de Laurentis, um maníaco em animais desproporcionais – vide **King Kong**); no outro canto, Charles Bronson, um pouco menos biônico, mas que às vezes também resfolega, e que ao lado de dois amigos passa o filme inteiro tentando matar o búfalo. Conseguirá? Se tiver paciência, vá conferir. **Do dia 21 ao dia 23 no Cine Ipiranga.**

Os outros filmes da semana são "Traídas pelo Desejo" (de 15 a 18 no Ipiranga) e "Fator Humano" (dias 19 e 20 no Ipiranga). O que é quase a mesma coisa que nada.

DISCO&SHOW

A EMI/Odeon nos envia material sobre Egberto Gismonti: ele embarcou na sexta-feira passada para a Europa, onde, a partir de quinta-feira, fará apresentações. A excursão de Gismonti, que se apresentará na Suiça, França, Áustria, Noruega e Inglaterra, irá até o dia 4 de novembro.

Depois, Gismonti irá a Nova Iorque, acompanhado por Keith Jarrett e Ralph Towner. E, na volta, na segunda quinzena de novembro, Egberto irá promover o lançamento de seus dois últimos elepês – Dança das Cabeças e Carmo – **num show em sua cidade natal, Carmo. Programada, também, uma apresentação de Egberto e seu grupo no teatro Municipal de São Paulo.**

Continuando sua série comemorativa dos 25 anos de atividades, a RGE – Fermata lançou um elepê com a orquestra de Enrico Simonetti, o maestro italiano que tanto sucesso fez por aqui nos anos sessenta (agora, ele está na Itália novamente e e o diretor musical da R.A.I., a Rádio e Televisão Italiana, do governo). A orquestra de Simonetti marcou época, principalmente porque teve uma ótima divulgação na tevê, no auge do canal 9, Televisão Excelsior, onde era a atração do Simonetti Show. A orquestra, calcada nas **big bands** americanas dos anos 40/50, fez furor nos bailes de formatura da época e tinha, realmente, grandes instrumentistas. Um deles era Edgar, conhecidíssimo em anúncios de televisão (o último é um de iougurte com frutas), que, para os que não sabem, é um excelente guitarrista.

Mas, ao mesmo tempo em que vai lançando essa ótima série comemorativa, a RGE também nos dá o desprazer de lançar um novo elepê da detestável dupla italiana (ele, um negro norte-americano naturalizado) Wess e Dori Ghezzi. Passem longe, embora seja difícil, pois vai tocar até a exaustão.

Um bom lançamento da Som Livre (que, como os bons lançamentos do selo, tem pouca divulgação na rede Globo, sua proprietária) é o elepê de Geraldo Azevedo, ex-integrante do Quarteto Livre, onde tocava ao lado do sensacional percussionista Naná, de Nélson Ângelo e Franklin. Depois, Geraldo andou acompanhando a cantora Eliana Pittman, participou de um Festival Internacional da Canção (sua música, defendida por Jackson do Pandeiro, em 72, **Papagaio do Futuro** só foi tocada no Nordeste) e colaborou com Alceu Valença, com quem chegou a gravar um disco, **Alceu e Geraldo**, lançado pela Copacabana há alguns anos. Esse tempo todo de estrada se reflete nesse bom disco.

A Copacabana, em mais uma remexida nos seus arquivos, dentro da série Seleção de Ouro, traz de volta alguns dos grandes sucessos de Gilberto Alves. Entre as faixas: É Você Não Dizia Nada, Meu Consolo É Você e Gosto Que me Enrosco.

Pedro Autran Ribeiro

JUNDIAÍ CLÍNICAS

Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434.1067 – 434.1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436.3260 – 436.6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434 - 3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434.3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n.o - Jad. Messina
Fones: 434.1056 – 434.1666

Pirâmide



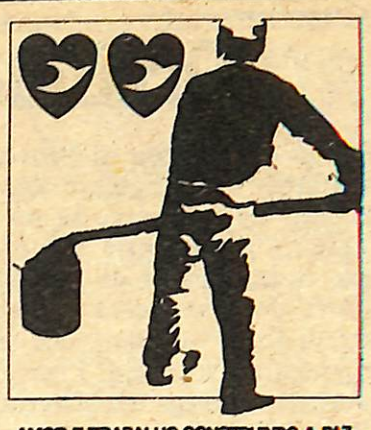
Instrumentos e Materiais Técnicos: Topografia e Desenho. Linhas e Lãs
Rua Rangel Pestana, 574
Fone. 434.8344 – Jundiaí

Entre funcionalidade e bom-gosto, fique com os dois.
Móveis para escritório M.Longo.
MLONGO
IND. E COM. DE MÓVEIS
Loja e Exposição: Rua Vigário J.J. Rodrigues, 220
Fones: 434.4920 - 434.5940

Uma semana de reflexão

Realizou-se de 2 a 9 de outubro a "Semana da Família", idéia que nasceu no Encontro Regional de representantes da Pastoral Familiar das Igrejas Particulares no Estado de São Paulo, em novembro de 1975.

Seu objetivo este ano, foi refletir sobre a Família e o Mundo do Trabalho, pretendendo especificamente, "despertar em todas as famílias a consciência do valor do trabalho, a fim de que participem na construção de uma sociedade mais justa e humana", conforme diz a edição especial do semanário Santuário de Aparecida, editado pela CNBB.



AMOR E TRABALHO CONSTRUINDO A PAZ
SEMANA DA FAMILIA

Essa mesma edição, forneceu subsídios para as reuniões de grupos e Noite de Vigília, que se realizaram em toda Jundiaí, quando foram discutidos diversos temas relacionados à família e trabalho, com "Família, Horário e Transporte do Trabalhador".

A próxima etapa é a reunião de avaliação, onde os responsáveis por cada uma das paróquias que fazem parte das três regiões da Diocese de Jundiaí apresentarão os resultados obtidos na semana.

CONCURSO: O prazo de inscrição e entrega dos trabalhos para o concurso da Ponte Torta, promovido pela Jundi Hobbies, foi adiado para o dia 25 de outubro. Os candidatos poderão apresentar no máximo três trabalhos em cada categoria: desenho, fotografia, pintura e esculturas em geral. Até a semana passada já haviam chegado diversas esculturas em madeira, mas a proprietária da Jundi-Hobbies acredita que a maior parte dos trabalhos serão fotografias. Arquitetos e artistas plásticos jundiaienses farão parte da Comissão Julgadora. A Jundi-Hobbies fica na rua do Rosário, 660.

ROMARIA: Sairá dia 15, às 7 horas, da Igreja Nova Jerusalém, a 6a. Romaria Mista de Jundiaí a Pirapora. Serão cerca de mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, que deverão retornar no dia 16, às 17 horas, àquela igreja.

TORNEIO DE PESCA: Será no dia 23 no Uirapuru Country Clube o 5.o Torneio Popular de Pesca, uma promoção do Jornal de Jundiaí, Agremiação Recreativa dos Pescadores, Prefeitura Municipal e Secretaria de Esportes e Turismo do Estado. Serão três categorias distintas de competidores: infantil, masculina e feminina, e a duração da prova será de três horas, começando às 8 da manhã. O sistema de classificação do torneio se efetuará da seguinte forma: um ponto para cada peixe e mais um para cada dez gramas de peso. Os primeiros colocados dentro de cada categoria receberão troféus e os participantes que se destacarem receberão outros prêmios. As inscrições estão abertas, inclusive para pescadores de outras localidades, no Jornal de Jundiaí (Rua Barão, 374), Agremiação Recreativa dos Pescadores (Rangel, 440) e no Uirapuru (Zacarias de Goés, 474).

CLUBES: sábado, dia 15, no Grêmio, a partir das 21 horas, Mini Baile com o conjunto Super Kings. No Clube Jundiaiense, Discotéque Let's Dance, sábado das 22 às 3 horas e domingo das 21 à 1 hora.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

PARQUE DO COLÉGIO – nova 3 dorm. c/ armário 1 suite, banheiro social, lavabo, sala em L, copa cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada, abrigo p/ 2 carros, jardim, quintal, Cr$ 1.300.000,00 pode ser financiada. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VILA BELA – Nova moderna com 3 dormitórios com armário, banheiro social, 1 suite lavabo, sala grande, cozinha, lavanderia, quintal, jardim de inverno, jardim frontal, abrigo para 2 carros, vista panorâmica, acabamento de primeira. Rua com todos melhoramentos públicos. Preço .... Cr$ 800 mil – pode ser financiada.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

EDIFÍCIO ORQUIDIA – Apartamento c/ 3 dormitórios à Cr$ 500.000,00 no "Edifício Orquídia", em estilo colonial, c/ pequena entrada e o saldo financiado na entrega das chaves. OFERTA MORE.

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área. 2 dorm. garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep. p/ empregada quintal. Cr$ 700 mil, facilitado e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16).

JARDIM CICA - Jardim frontal, 3 dorm. sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800 mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS.

VILA LIBERDADE - 3 dorm. suite, banheiro social, sala grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900 mil, pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584).

SÍTIOS E CHÁCARAS

CHÁCARA NO MEDEIROS com 5.600 m2, casa nova, c/ 2 apartamentos, sala, armários, copa-cozinha, mirante, jardim, pomar, barracão p/ festas, cercada, campo de futebol, a 500 metros do asfalto, etc. Preço de ocasião. Tratar na A. PREDIAL, Rangel n.o 419, fone: 434.5266.

CHÁCARA NO MEDEIROS, com 39.000 m2, 3 casas, galpão, 2 garagens, trator, bomba p/ irrigação, 8.500 pés de uva, pomar, muita água, etc. Perto do asfalto, ótimo preço. Tratar na A. PREDIAL, Rangel, 419, fone 434-5266.

CHÁCARA NO MEDEIROS, a melhor região de chácaras, com 64.000 m2, plana, boa casa, barracão e garagem, pomar, 6000 pés de uva, 3000 pés de eucaliptos, córrego, toda plantada, bosque, luz elétrica, próxima ao asfalto. Ótimo preço. Tratar na A. PREDIAL, Rangel, 419, fone: 434.5266.

CHÁCARA BAIRRO DO HORTO, com 43.000 m2, casa sede estilo colonial, linda, pomar, piscina grande com água tratada, muita água, quadras de esportes, toda cercada, salão de festas e jogos, e muitas outras benfeitorias. Tratar em A. PREDIAL, Rangel, 419, fone: 434.5266.

FAZENDA BAIRRO DO POSTE, com 35 alqueires, boa estrada, sede, muita água, documentação perfeita, ótima para pasto ou lavoura, preço especial para venda rápida. Tratar em A. PREDIAL, Rangel, 419, fone: 434.5266.

CAXAMBU – 53.000 m2.plana à 9 km do centro, toda formada, casa sede, casa para caseiro, luz, linha de telefone, pomar grande. 5.000 videiras, água corrente, poço com bomba, 2 bosques de mata naturais, ótima topografia - Preço Cr$ 1.500 mil. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc. Próximo a várias propriedades. Cr$ 15.00 m2. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

BAIRRO DO MEDEIROS Via Mal. Rondon, com 31.000 m2, com 2 glebas, sendo 13.400-E 17.500 m. formada com casa sede de 4 cômodos, casa de caseiro com 5 cômodos, poço com bomba, água encanada, gramado em toda volta da casa, luz trifásica, água corrente, 4.500 pés de uvas, pomar grande variado, ótima topografia, à 2 km do asfalto Preço ..... Cr$ 1.800 mil facilitado OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

VIA ANHANGUERA – Próximo ao trevo de Louveira, - 23.000 m. luxo, com ótima casa sede, 8 cômodos, casa de hóspede com 3 cômodos, casa para caseiro com 5 cômodos, todas com água encanada, uma capela, 1 barracão para festa, oficina, 1 piscina de 8x5, outra de 5x2 luz trifásica, 4 nascentes sendo 2 com bomba, 1 lago, córrego na divisa, pomar variado, deixa todos os móveis inclusive geladeira, e TV à cores, mais informações em nosso escritório. Preço Cr$ 1.300 mil, facilitado à combinar. OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/ festa 10mx80m, com mais 2 comodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí. Cr$ 1.500.000,00 facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (9.961).

BAIRRO DA CHAVE - magnifica chácara casa c/ 3 dorm. arms. embs. sala, copa-cozinha, banheiro jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550 mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS. (1.237).

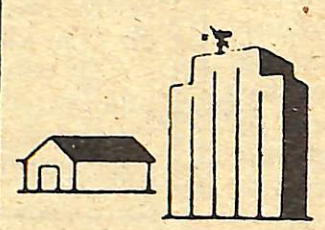
SERRA DO JAPI – Área de terras no alto da Serra do Japí, c/ 76.600 metros quadrados, à Cr$ 16,00 - o metro quadrado. OFERTA MORE.

CAXAMBU – Cháracas c/ 5.000 metros quadrados na estrada do Caxambú, local previlegiado - Cr$ 60,00 - o metro quadrado, c/ 30% de entrada e o saldo em 40 pagamentos iguais e mensais. OFERTA MORE.

Os bons corretores estão aqui

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL
ALUGA — VENDE — AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS
ASSISTÊNCIA JURÍDICA.
R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.

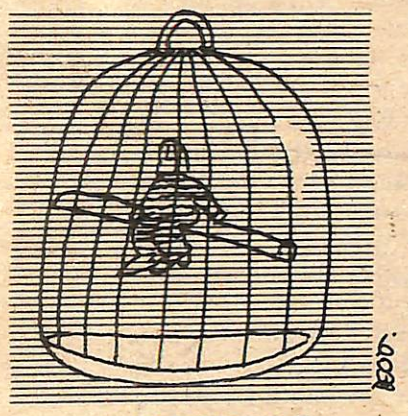


More Empreendimentos Imobiliários S/C Ltda.
Av. Jundiaí, 613 – Fones, 434.1195 – 434.0651



CARMEM MIRANDA RIDES AGAIN

Muito instrutivo o espetáculo de música popular brasileira oferecido por um grupo de "sambistas" no intervalo do jogo Cosmos e Santos, no dia da despedida de Pelé. O grupo, que deve ter sido recrutado entre os beneficiários do Fundo Desemprego do governo norte-americano, exibiu-se em sensacionais números de cuenca, zarzuela, mambo, rumba, fox-trot, hustler, ou seja lá o que for. Menos samba. Não faltaram nem as baianas estilizadas à Carmem Miranda com aquela cesta de frutas tropicais na cabeça, rebolando ritmos inidentificáveis. Mais grotesco do que esse espetáculo, só aquele "love, love, love" do "improviso" que o departamento de **script** da Warner preparou para Pelé. Disgusting. **(S.V.)**



LIBERDADE PARA OS PÁSSAROS

O Procurador da Fazenda Nacional, sr. Fortunato Benchimol, está fazendo um esboço de lei para ser mandado ao presidente da República que "determina a abolição, proíbe o aprisionamento de pássaros e demais animais silvestres, decide sua libertação em áreas florestais que especifica, concede incentivos fiscais é dá outras providências". O sr. Fortunato é presidente da Associação Brasileira de Solidariedade à Libertação Total dos Pássaros Engaiolados. A associação, por enquanto, não se manifestou a respeito dos outros seres viventes. **(V.V.)**

LIBERDADE UBER ALLES

Se você se queixa de falta de liberdade na televisão, você está por fora.

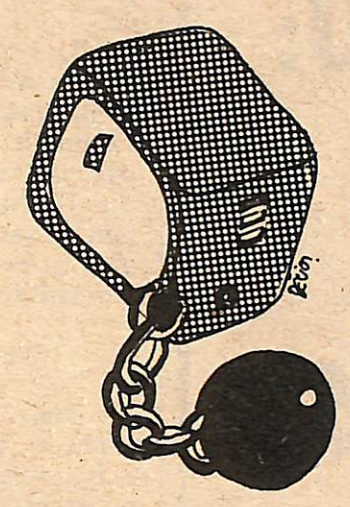
Veja a Etti denunciando a inconsistência da Peixe e da Cica.

Veja Commander denunciando a velhice dos outros cigarros.

Veja Chanceller denunciando a propaganda enganosa das outras marcas.

Veja a Pepsi contando a verdade sobre a preferência dos bebedores de Coca-Cola.

O que mais você quer, bicho? **(E.M.)**



INFILTRAÇÃO CONSENTIDA

"Vivemos um momento crítico, com a presença incômoda de uma estrutura tecnocrata ameaçando a democracia que queremos, sem adjetivos, e abrindo caminho para o totalitarismo".

Palavras do deputado federal Faria Lima, vanguardista da Arena, em seu discurso na Câmara Municipal de Jundiaí.

Olhaí, deputado Zezinho, tem infiltração na sua bancada. **(E.M.)**

INDICAÇÃO LADINA

O vereador José Rivelli fez uma indicação, no dia 10 de agosto passado, solicitando a construção de uma passarela sobre a via Anhanguera, nas proximidades da Vila Maringá. Tudo muito bonitinho. Acontece que quando o vereador fez a indicação, a DERSA já estava iniciando a obra e ao que parece, José Rivelli – quis tirar proveito da situação. Solertismo político é isso, minha gente. **(SH)**

ASSINE O JORNAL DE 2a.

TUDO CERTO

Respondendo a críticas do MDB com relação à política econômica do governo, o senador Euric Rezende, líder da Arena, excedeu-se. Ele disse: "O governo está certo. As coisas é que estão erradas". Embora o senador não tenha feito menção a isso, acredita-se que entre as coisas esteja o fato de ele ser senador, e ainda por cima líder. **(V L.)**

APARTE PREVENTIVO

O vereador Duílio Buzanelli sempre pede aos demais vereadores que façam apartes antes da sua fala, para não atrapalhar o seu raciocínio (Exemplo do locutor da Rádio Camanducaia?). É que o Duílio quer criar um novo tipo de aparte: o preventivo. Eu estou com o vereador e não abro. O que falta neste País é criatividade. Falei, Duílio? **(SH)**.

VEJAM SÓ!

Na terça-feira passada, o deputado Federal Faria Lima incluiu o Jornal de 2a. no seu roteiro de visitas em Jundiaí, trazido pelas mãos de Meyer Ben Hermann, juntamente com Virgílio Torricelli. Por pura incompetência, não publicamos nenhuma foto do deputado ao lado do diretor do jornal, com chamada na primeira página.

E, por uma dessas coisas que nos deixam aturdidos por diversos dias, fazia parte da comitiva o vereador Élio Zillo, que adentrou por todas as dependências deste semanário. Quem diria, hein? **(K.)**

QUESTÃO DE FÉ

Pela grotesca montagem fotográfica que o **JC** houve por bem estampar na primeira página de sua edição de quinta-feira (um corintiano ajoelhado nunca fez parte da cena), o leitor pode chegar à seguinte constatação: daquele jornal, não dá mais nem para acreditar nas fotografias. **(K.)**

DICA DE CINEMA

Se você quer fugir das pornochanchadas, trate de aderir ao Cine Clube de Esquina. A garotada está conseguindo mexer a cidade. Os debates depois dos filmes estão cada vez mais animados. No último domingo, eles exibiram "Era Uma Vez Hollywoood", uma preciosa coletânea dos melhores trechos das históricos musicias da Metro. Um detalhe: nenhum dos cinemas da cidade exibiu esse filme. O Cine-Clube de Esquina promove sessões e debates todos os sábados e domingos às 20 horas, na Biblioteca Municipal. Quem não for, morre com a boca cheia de formiga. **(S.A.)**

ELEIÇÕES UBER ALLES

Segundo os jornais, o embaixador Roberto Campos (toc, toc, toc) está sugerindo um caminho para as eleições brasileiras: três tipos de "biônicos".

Não li a notícia toda, mas acho que o terceiro deve ser o Júnior, uma vez que papai Cyborg e mamãe biônica já estão no ar há muito mais de nove meses **(E.M.)**



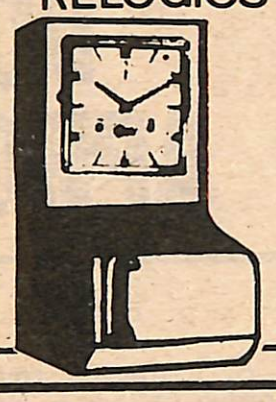
ENFANTS TERRIBLES

Segunda-feira passada, "Informação" (Canal 13, onze da noite) apresentou os deputados da Arena de Vanguarda.

Que coragem! Que independência! Que crítica!

Parecia até show do Juca Chaves. **(E.M.)**

RELÓGIOS DE PONTO ROD-BEL



REVENDEDOR AUTORIZADO

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

Rua Prudente de Moraes, 1.398
Fones, 436.6413 – 436.6684

Escritório Comercial Leonel
R. Vigário J.J. Rodrigues, 156
Fone: 436.1541

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434.2253

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MÁRCIO CACEZES

Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicilio
Fone: 436.4880

NOVIDADES Charme CALÇADOS ROSARIO 626

CONHEÇA O BRASIL.



Existem muitos roteiros para você escolher
Venha nos visitar, ou consulte-nos
TURISMO CHECHMATO Ltda.
Rua Barcenas do Jogi, 260
Fones: 436-7004 e 434-0562

Auto Peças Franco Ltda.



ESPECIALIZADA EM PEÇAS PARA
VOLKS - DKW - OPALA E CHEVETTE
Av. Itatiba, 224 – Fones: 434.0964 e 434.9226 – Jundiaí

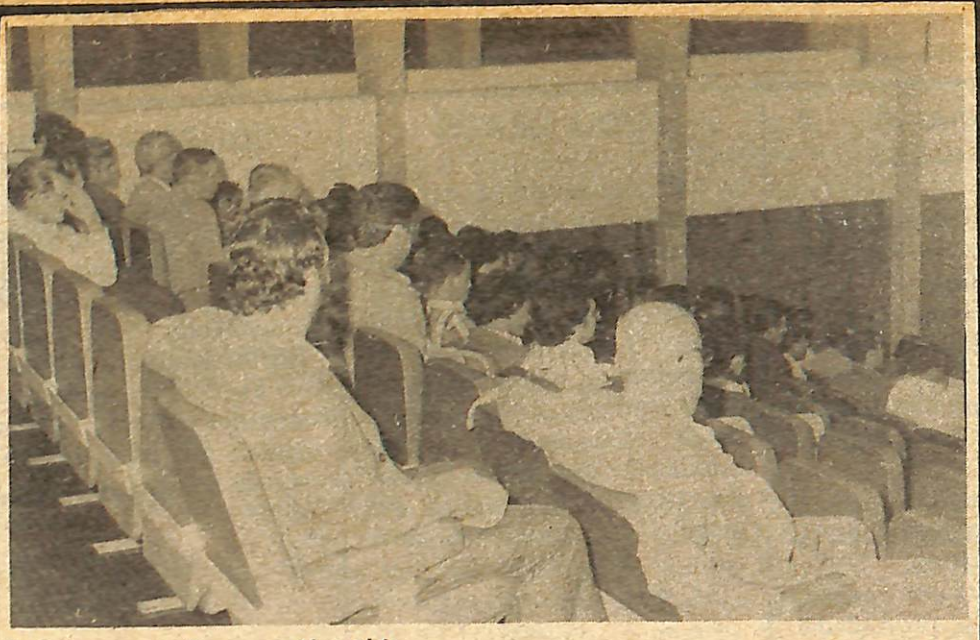
LUCIO AUTOMÓVEIS

CAMARGO FERREIRA & CIA. LTDA
AV. DR. CAVALCANTI, 692
JUNDIAÍ – TEL. 434.1603 – 436.4520

Ford F600		c/ caçamba
Chevrolet	D65/1973	c/ carroceria
Chevrolet		perkins OK
Chevette SL		equipado
Kombi std 1600		bege
Fiat 147L		B. Sabiá

Ford F-400	Okm
Chevette Lx/Sl	OK
Volks 1300 L	Branco e amarelo
Ford F-350	c/ carr. mad.
Fiat	Okm

Plantão: sábado até 17hs/domingo até 12hs



É, foi uma sessão assaz divertida. . .

ALEGRE SESSÃO: CASA CHEIA, VEREADORES DESLUMBRADOS, PROJETO DOS ÔNIBUS APROVADO, ETC...

Numa sessão diferente, fora do normal, pelas visitas de dois deputados – Faria Lima e Jairo Maltoni – e também pelo senso de humor de alguns vereadores, foi aprovado o projeto que autoriza a Prefeitura a cessar a ação judicial que move contra a Auto Ônibus Jundiaí e que regulamenta o serviço de transporte coletivo em Jundiaí. Além disso, o projeto autoriza a concessionária Auto Ônibus Jundiaí a sub-contratar as empresas Jundiaiense, Chechinato e Três Irmãos.

Depois de não ter conseguido as doze assinaturas para entrar em regime de urgência na sessão anterior da Câmara, nada menos que dezesseis vereadores disseram o seu "sim" e aprovaram o projeto. Antes da sessão da Câmara, o assunto conseguiu gerar uma certa polêmica na cidade, principalmente no gabinete do prefeito, que recebeu numa tarde de sexta-feira os proprietários da Viação Jundiaiense, Chechinato e Três Irmãos. Nessa ocasião, Fávaro foi categórico: caso os vereadores não aceitassem o regime de urgência do projeto, ele não convocaria uma sessão extraordinária, porque achava que isso seria "passar sobre a autoridade do presidente da Câmara".

CLIMA TENSO

Por volta das oito horas da noite, a movimentação já era grande na Câmara. Cerca de sessenta funcionários da empresa de ônibus Jundiaiense e alguns membros da Sociedade Amigos do Jardim do Lago compareceram à sessão e, segundo um motorista, "viemos para tentar com a nossa presença, fazer com que alguns vereadores que não assinaram o requerimento de urgência sintam a difícil situação que estamos enfrentando".

Entre os motoristas, mecânicos e cobradores presentes a reclamação era uma só: os salários estavam dois meses atrasados e tinha gente passando fome. Manoel Gomes, doze anos na Viação Jundiaiense, ganha dois mil cruzeiros por mês e dizia que a situação de todos na empresa era precária.

Sentados nas poltronas vermelhas, uniformes azuis, os cobradores e motoristas conseguiram estimular os vereadores que nunca tinham visto tanta gente na platéia. Deslumbrados com isso, alguns vereadores fizeram questão de subir à tribuna e falar qualquer coisa. O importante era ocupar a tribuna pela maior tempo possível.

O vereador Tarcísio Germano de Lemos pediu ao presidente Lázaro de Almeida para que o projeto fosse discutido artigo por artigo, "dada à sua importância". Logo em seguida, para desespero dos assistentes que não escondiam a sua vontade de ver o assunto discutido logo, Tarcísio pediu a suspensão da sessão por quinze minutos, em comum acordo com Elio Zillo, líder da Arena.

Segundo um vereador, para atender à vaidade de José Rivelli, que apresentou nada menos do que seis emendas ao projeto, ficou decidido que apenas uma delas, a de número seis, seria apensada ao projeto. Mas logo depois, mais duas emendas surgiram: a sete e oito, regulamentando a sub-contratação de determinadas linhas de ônibus e como seriam pagas as despesas processuais.

FOI BOM?

Na opinião do vereador Tarcísio Germano de Lemos, "foi até bom o projeto não ter entrado em discussão na semana anterior, porque pudemos estudá-lo melhor e suprimir algumas falhas. Uma delas dizia respeito à linha cidade-Tijuco Preto, que o prefeito pretendia retroagir a data do contrato para 1974.

Tarcísio afirmou que se o prefeito desejasse, deveria mandar futuramente um projeto à Câmara tratando apenas desse problema, pois da forma como o artigo 4.o foi apresentado, poderia prejudicar todo o projeto principal.

No decorrer da sessão, os artigos foram votados seguidamente e isso mexia com os nervos da assistência. Na última fileira de poltronas, o motorista Rosiano Santana não entendia muito bem o que estava se passando, mas achava que pelo jeito as coisas caminhavam bem e acreditava que sairia contente dali. Ao seu lado, Gentil Aparecido da Silva, também motorista, queria ir embora para casa, porque o assunto estava "muito espichado". O seu sono tinha uma explicação, que ele dava mostrando a falta dos dentes da frente: "um fala de um jeito, outro fala de outro. Mas um pouquinho eu entendo".

Os motoristas, cobradores e mecânicos já estavam com sono e sem entender muita coisa. Ficaram mais atrapalhados ainda com a chegada do deputado federal José Roberto Faria Lima, que foi convidado a participar da mesa. Depois dos discursos de alguns vereadores e do deputado, a sessão foi novamente suspensa.

Faria Lima foi embora e logo em seguida chegou Jairo Maltoni e também foi convidado a sentar-se à mesa do presidente. Só que desta vez a sessão continuou.

Vários vereadores subiram à tribuna rapidamente e isso causava um certo mal estar entre os assistentes. Algumas pessoas foram embora por volta das dez horas da noite, entre eles o vereador Edmar Correia Dias.

BOM HUMOR

Por volta da meia-noite, a platéia e alguns vereadores já demonstravam que era chegada a hora de resolver o assunto e ir para casa dormir. Olhos vermelhos, já se apoiando nos cotovelos, alguns motoristas reclamavam da demora de certos vereadores quando falavam da tribuna.

José Rivelli falou durante quase vinte minutos sobre as emendas que havia sugerido e que não tinham entrado no projeto. E irritou o vereador Duílio Buzanelli, que criticou severamente "o itinerário maluco" que José Rivelli propôs para solucionar o problema de ônibus na cidade.

Segundo Duílio Buzanelli, "a função dos vereadores era uma só: votar o projeto e não fazer média com a platéia".

Nesse momento os assistentes, até então calados, deram gostas gargalhadas, acompanhados por diversos vereadores. O presidente Lázaro de Almeida não gostou, mas nem por isso tocou a campainha para pedir silêncio. A partir daí a sessão ficou muito divertida.

O vereador Tarcísio Germano de Lemos mostrou então os seus largos conhecimentos de frases de efeito em Latim. E não perdeu a oportunidade para entrar no **quid-proquod** formado por Duílio e José Rivelli. Pena que os motoristas, mecânicos e cobradores não entenderam uma palavra do que Tarcísio disse da tribuna.

ENFIM, A APROVAÇÃO

Mais de meia-noite e os vereadores ainda se revezavam na tribuna. Lázaro Rosa, José Rivelli e Lázaro Dorta explicaram porque não tinham assinado o requerimento que dava caráter de urgência ao projeto na semana anterior. Em linhas gerais, disseram que a atitude foi boa, porque tiveram tempo para estudos, e descobrir algumas irregularidades. Disseram ainda que não se colocaram contra, apenas queriam mais tempo para estudar um projeto tão importante.

Oswaldo Beagin, Edmar Correia Dias e Jorge Roque de Moura simplesmente não disseram nada. Edmar Correia Dias foi embora quando nem tinha começado a fase polêmica da discussão. Beagin e Jorge Roque de Moura se limitaram a dizer um sonolento "sim".

Ainda com um certo alvoroço no plenário, o presidente Lázaro de Almeida começou a votação final do projeto, que acabou sendo aprovado por 16 votos. Disputando os abraços e tapinhas nas costas dos motoristas, cobradores e mecânicos aos poucos foram se retirando. Depois das congratulações – alguns vereadores fizeram questão de acompanhar a nunca vista assistência até a porta de saída – restou apenas uma sombra negra, formada por um boato que circulou pelas salas da Câmara. O boato dizia que as quatro empresas que operam no transporte coletivo em Jundiaí terão uma surpresa brevemente. A consessão e sub-contratos que têm agora com a Prefeitura serão desfeitos e haverá uma nova concorrência pública para escolher quem vai operar em Jundiaí. Uma poderosa empresa de São Paulo deverá participar dessa concorrência pública e tudo indica que terá amplas possibilidades de vitória. Para o vereador Ariovaldo Alves isso não vai acontecer, porque representaria o suicídio político do prefeito Pedro Fávaro. (S.H.)

VENHA BUSCAR SEU VOLKS OKM. NA Sotergal BASTA PARTICIPAR DA V.D.C. PARA GANHAR! SÓTERGAL
TUDO A PREÇO DE INDUSTRIA!
AV. DR. OLAVO GUIMARÃES, 197
RUA S. PEDRO, 293 - PONTE S. JOÃO